



# Convergência

MARÇO 2016  
ANO LI • Nº 489

Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



**CRB**

Convergência ISSN 0010-8162

**DIRETORA:** Irmã Maria Inês Ribeiro, mad  
**EDITOR:** Irmão Lauro Daros, fms  
**REDATORA:** Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs – MTb 0010693/DF

**CONSELHO EDITORIAL:** Frei Moacir Casagrande, ofmcap  
Irmã Helena Teresinha Rech, sst  
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Jaldemir Vitório, sj  
João Edênio Valle, svd

**PROJETO GRÁFICO:** Manuel Rebelato Miramontes  
**COORDENAÇÃO DE REVISÃO:** Marina Mendonça  
**REVISÃO:** Cirano Dias Pelin  
**IMPRESSÃO:** Gráfica de Paulinas Editora  
**ILUSTRAÇÃO DA CAPA:** Sergio Ceron

**DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 - Brasília - DF

Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409

E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)

[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

# Sumário

## Editorial

Tempo de Deus, tempo dos pobres, tempo do Reino 149

## Mensagem do Papa

Oração do Papa Francisco pela Vida Consagrada 151

## Relato da Misericórdia

Natureza, misericórdia e vida 153

## Informes

200 anos de fundação da Congregação dos Estigmatinos 157

“A missão é o lugar favorável para a formação” 159

O desafio fascinante 162

O tempo de Deus  
e o tempo dos pobres 168

## Artigos

A passagem profética de Deus na vida de Israel:  
o testemunho de Amós  
JALDEMIR VITÓRIO 172

A ética do cuidado na Vida  
Religiosa Consagrada  
DANILO JOSÉ JANEGITZ 191

“Arruinaram as minhas férias!”  
Sobre o fim da civilização da riqueza  
zG24E(J)29.7 1 1026s



# Tempo de Deus, tempo dos pobres, tempo do Reino

Sempre será o tempo da Vida Religiosa Consagrada, porque é um sonho de Deus. O Papa Francisco, na “Oração pela Vida Consagrada”, reza: “*Vem, Espírito Paráclito, amparo e consolação de teu povo! Infunde nos(as) consagrados(as) a bem-aventurança dos pobres para que caminhem na senda do Reino*”.

O Relato da Misericórdia é do artista amazonense Eliberto Barroncas, com o texto “Natureza, misericórdia e vida”. Ele expressa: “A minha maneira comunitária (socioambiental) de me comprometer com a prática *da misericórdia e da compaixão com a natureza destruída* tem sido através das artes”. Encerra o relato com uma letra de música: “Uma prece amazônica – Ato Penitencial”.

O primeiro informe é do Pe. Isaac, que escreve sobre os 200 anos de fundação da Congregação dos Estigmatinos. “Caminhando para os 200 anos de nossa história”, os missionários estigmatinos abriram, no dia 4 de novembro de 2015, o ano jubilar de ação de graças a Deus por sua vida e missão.

Irmã Rosa traz o informe do Seminário Nacional para Formadores e Formadoras, que aconteceu em Caucaia-CE, de 22 a 26 de outubro de 2015. Ir. Rosa fala especificamente do tema desenvolvido pela Irmã Annette “A missão é o lugar favorável para a formação”. Segundo a Irmã Annette: “A missão tira o formando da autorreferencialidade, ajuda-o a relativizar seus problemas, a sair de sua zona de conforto”.

*Convergência* lança uma jovem escritora. Trata-se da noviça Gisele Vieira Lunarde, com o texto “O desafio fascinante”. A autora revela que a formadora a desafiou a escrever para

a *Convergência*. E declara: “Impetuosamente decidi aceitar o desafio”. Parabéns, Gisele!

Pe. Alfredo faz uma reflexão sobre “O tempo de Deus e o tempo dos pobres”. Reflete sobre “tempo latifúndio”, “tempo investimento” e “tempo gratuito”.

Em tempo de CF 2016, Pe. Jaldemir Vitório discorre sobre “A passagem profética de Deus na vida de Israel: o testemunho de Amós”. Para o autor, “existe uma sabedoria no expediente do editor das profecias amoseanas. A palavra última de Iahweh, jamais, será de condenação. Por pior que seja a situação, resta sempre espaço para a esperança. O profeta verdadeiro é esperançoso por natureza”.

Frei Danilo apresenta o artigo “A ética do cuidado na Vida Religiosa Consagrada”, dirigido às lideranças: “A liderança na VRC hoje é mais bem entendida como artesã de fraternidade que busca tirar para fora a luz que cada pessoa tem dentro de si para o crescimento da comunhão”.

“‘Arruinaram as minhas férias!’ Sobre o fim da civilização da riqueza” é um texto de Johannes Gierse sobre a realidade mundial dos refugiados. “A civilização da riqueza encontra sua alternativa revolucionária na *civilização da pobreza*, pois sem os pobres não há salvação. Eles são a alavanca para humanizar a humanidade; com eles, as “férias” – a vida presente e futura – jamais ficam arruinadas.” O autor questiona: “A médio e longo prazo, como a civilização da riqueza e a civilização da pobreza vão se ‘desenvolver’? Quais os cenários possíveis? De que forma as pessoas consagradas a Deus podem contribuir para que o diferente, o estranho não seja considerado uma ameaça, mas um próximo?”.

Lauro Daros, marista

# Oração do Papa Francisco pela Vida Consagrada<sup>1</sup>

Vem, Espírito Criador, com a graça multiforme,  
iluminar, vivificar e santificar a tua Igreja!  
Unida no louvor, ela te agradece  
o dom da Vida Consagrada, concedido e confirmado  
na novidade dos carismas ao longo dos séculos.  
Guiados por tua luz e radicados no Batismo,  
homens e mulheres, atentos a teus sinais na história,  
enriqueceram a Igreja, vivendo o Evangelho  
no seguimento de Cristo casto e pobre, obediente,  
orante e missionário.

Vem, Espírito Santo, amor eterno do Pai e do Filho!  
Pedimos-te que conserves na fidelidade todos os  
consagrados;  
que eles vivam o primado de Deus nas realidades  
humanas,  
a comunhão e o serviço entre as pessoas,  
a santidade no espírito das bem-aventuranças.

Vem, Espírito Paráclito, amparo e consolação de teu povo!  
Infunde nos consagrados a bem-aventurança dos pobres  
para que caminhem na senda do Reino.  
Dá-lhes um coração consolador  
para que enxuguem as lágrimas dos últimos.  
Ensina-lhes a força da mansidão  
para que neles brilhe o Senhorio de Cristo.

<sup>1</sup> CNBB. *Ensinamentos do Papa Francisco sobre a Vida Consagrada*. p. 147-148.  
Texto enviado pelo  
Pe. Vinícius Augusto  
Ribeiro Teixeira, c.m.

Acende neles a profecia evangélica  
para que abram caminhos de solidariedade  
e saciem expectativas de justiça.  
Derrama em seus corações a tua misericórdia  
para que sejam ministros de perdão e de ternura.  
Reveste a vida deles com a tua paz  
para que, nas encruzilhadas do mundo,  
possam falar da bem-aventurança dos filhos de Deus.  
Fortifica os seus corações nas adversidades e tribulações;  
que eles se alegrem com a esperança do Reino futuro.  
Associa à vitória do Cordeiro os que, por amor de Cristo  
e do Evangelho, estão marcados com o selo do martírio.

Possa a Igreja, nestes seus filhos e filhas,  
descobrir a pureza do Evangelho  
e a alegria do anúncio que salva.

Maria, primeira discípula e missionária,  
Virgem que se fez Igreja,  
interceda por nós.  
Amém!



O nosso processo formativo só pode ser levado adiante se promovermos na pessoa o seu autoconhecimento, a busca de si mesma, para poder ir além do horizonte, daquilo que se apresenta como nossos limites. É a necessidade fundamental do ser humano de se reconhecer, senão ele não é educado.

Urge que cada um se reconheça em seu próprio espaço para poder ampliar esses raios com relação ao Planeta, a exemplo da pedra que se joga na água e vai formando ondas a partir de si, e ampliando sempre mais o seu alcance.

Não é possível compreender o mundo a partir de um ser formatado desde fora. Essa pessoa fica limitada, estática e repetidora de uma doutrina ou de um modelo. Deixa de ser ela mesma. Passa a ser um ser aprisionado em plena condição de liberdade.

Mas, se o conhecimento parte de dentro, vai criando conexões cada vez mais amplas, abertas e variadas com o seu entorno para daí chegar ao universo.

Só se pode processar a igualdade de forma mais ampla se se parte dos detalhes do ser. E para isso é preciso também se desatar dos nós, das amarras e dos atalhos que nos impedem de experienciar a plenitude do caminho.

O mundo até então se organizava em bandeiras ideológicas e territoriais. Essas bandeiras estão ruindo. Daí que precisamos fincar esteios variados no lugar de cada bandeira. Esses esteios do bem vão se conectando para fortalecer a Casa Comum.

Então necessitamos urgentemente de um caminhar de volta para si mesmo. Somos uma espécie animal que faz parte da natureza. O ser humano e a natureza não estão

dissociados nem sobrepostos. Urge voltarmos à conexão de todas as realidades numa dimensão mais circular.

Despertar a consciência do ser humano como parte da natureza gera uma onda de grande alcance na realização de todos.

Desde há algumas décadas se vem dando o grito da ecologia. Mas não se mudava a ordem das coisas, pois sempre se fortaleciam os mesmos caminhos do consumismo, do lucro, da vaidade, da dominação. Se essa moeda for virada para que o ser humano caminhe com mais consciência de seus reais valores, tudo muda e a misericórdia naturalmente se estabelece na relação entre todos os seres.

Olhando as estruturas de organização social, percebemos que esse parâmetro integrador se encontra mais visível nas comunidades nativas, onde a pessoa se educa essencialmente para ser e não para ter.

Esses saberes ancestrais são janelas para diversas portas de conhecimento que parte da ancestralidade para caminhar para o além. É uma espécie de uma viagem de volta às origens da existência para ali encontrar a força que nos projeta para o futuro. Seria o reencontro com a fonte divina presente em todos os seres.

Como estimular o outro para ser livre se uma pessoa está presa a conceitos e formatações? Como levar as crianças a redescobrir a natureza? E que resposta daremos ao mundo que nos pergunta o que é o universo amazônico com seus conhecimentos e saberes tradicionais? O próprio Papa Francisco nos adverte:

Entretanto não basta pensar nas diferentes espécies apenas como eventuais “recursos” exploráveis, esquecendo que possuem um valor em si mesmas. Anualmente, desaparecem milhares de espécies vegetais e animais, que já não poderemos conhecer, que os nossos filhos não poderão ver, perdidas para sempre. A grande maioria delas extingue-se por razões que têm a ver com alguma atividade humana. Por nossa causa,

milhares de espécies já não darão glória a Deus com a sua existência, nem poderão comunicar-nos a sua própria mensagem. Não temos direito de o fazer (LS 33).

Já bebemos muito das fontes de conhecimentos elaborados de forma intelectual. Agora precisamos conhecer os saberes que vêm dos acúmulos de experiências. Sem esses saberes, os conhecimentos se tornam frágeis. Precisamos trazer os saberes para o caldeirão da formação.

Na sociedade em geral todos são excluídos. Os que estão no centro são excluídos dos saberes nativos. Os que estão à margem são excluídos dos conhecimentos científicos. Então a prática de inclusão mais ampla deve considerar ambos os lados para que se processe de fato o conceito da ecologia integral.

Neste contexto é misericordioso não somente aquele que tem necessidade de doar algo ao outro, numa espécie de assistencialismo, mas aquele que realmente quer e colabora para que o outro seja cada vez mais ele mesmo. Portanto, praticar a misericórdia é contribuir para que o outro encontre em si mesmo a sua própria grandeza.

Esse outro inclui tanto o ser humano quanto os diversos elementos da natureza. Todos são natureza. Querer que o rio seja rio é querê-lo limpo e em movimento. O rio é metáfora do caminhar do tempo e de tudo que nos envolve. Assim também querer que o ser humano siga em frente estando ele num processo constante de caminhada que se renova. E nada acontece de modo isolado, mas na saudável convivência das espécies.

A minha maneira comunitária (socioambiental) de me comprometer com a prática da misericórdia e da compaixão com a natureza destruída tem sido através das artes, sobretudo a música inspirada no universo amazônico, onde tenho buscado com outros os elementos originários da nossa cultura. Por isso compartilho, em forma de síntese, uma de nossas composições: “Uma prece amazônica – Ato Penitencial” (Celdo Braga e Eliberto Barroncas):

Tanto verde  
Tudo aqui é tão bonito  
mas as cores do infinito  
já não têm a mesma cor

E o sol parece  
lá no fim do dia  
uma prece que alumia  
um adeus pedindo amor

Oh meu Jesus  
estão manchando essa pintura  
e quem planta noite escura  
vai colher escuridão

Por isso eu peço  
que a fé seja mais forte  
e que a mão suja da morte  
não apague a imensidão  
que a mão suja da morte  
não apague a imensidão

Senhor, tende piedade de nós!  
Senhor, tende piedade de nós!  
Cristo, tende piedade de nós!  
Senhor, tende piedade de nós!

\* Eliberto Barroncas é formado em Educação Artística pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especializado em Metodologia do Ensino de Arte pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA). Artista plástico, compositor e músico. Integrante do Grupo musical Raízes Caboclas e do Projeto Cultural Escada sem Degraus. Produtor do CD Missa Cabocla.

Eliberto Barroncas★

# 200 anos de fundação da Congregação dos Estigmatinos

Sob o tema “Caminhando para os 200 anos de nossa história”, os missionários estigmatinos abrem, no próximo dia 4 de novembro, o ano jubilar de ação de graças a Deus por sua vida e missão. Impulsionado pela Palavra de Deus e conduzido pelo Espírito Santo, Gaspar Bertoni, aos 4 de novembro de 1816, na cidade de Verona (Itália), juntamente com alguns companheiros, fundou, na escola dos Estigmas, a Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Gaspar Bertoni, homem de fé e de oração, não hesitou, diante do contexto da Revolução Francesa, guerras, decadência de monarquias, perseguição à Igreja etc., em tornar-se fermento, sinal e canal do Reino de Deus. Bertoni e seus companheiros deram respostas concretas à situação do Povo de Deus. Sua maior preocupação era com a juventude, com o clero, com a Igreja, enfim, com a sociedade marcada pela troca de valores, tão descartáveis e indiferentes à dignidade da vida.

Sua espiritualidade alcança o ápice na intimidade com a Trindade, expressa no santo abandono. Ao fundar a Congregação, São Gaspar recebeu de Deus um carisma para colocar a serviço da Igreja; quis religiosos consagrados ao seguimento de Cristo, enviados pelo Pai, como “Missionários Apostólicos em Auxílio aos Bispos”, com a finalidade de servir à Igreja por meio de ministérios próprios de sua vocação.

São características próprias do apostolado dos estigmatinos: pregação da Palavra de Deus nas paróquias e mutirões missionários, atendimento aos eclesiásticos, educação

cristã da juventude nas escolas e universidades. As nossas principais devoções são: os Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo e os Patronos da Congregação, os Santos Esposos Maria e José. Os estigmatinos estão presentes em vários países, entre eles Itália, Alemanha, Inglaterra, Tailândia, Filipinas, Índia, EUA, África do Sul, Costa do Marfim, Botsuana etc.

No Brasil, os estigmatinos chegaram em 1910 e estão organizados em duas Províncias: Santa Cruz, que compreende os estados da Bahia, São Paulo e Paraná, além dos países Paraguai e Chile; e a Província São José, que compreende os estados de Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Rio de Janeiro, Mato Grosso e o Distrito Federal. São 200 anos de gratidão e esperança. Um destaque especial aos primeiros missionários estigmatinos que cruzaram o Atlântico e, com um testemunho de vida e audácia, semearam, no nordeste do Paraná, ainda quase inóspito, e nestas terras de Santa Cruz afora, as sementes do Evangelho.

Que eles nos inspirem a olhar para a história com o sentimento de gratidão e a projetar o futuro com esperança. Obrigado, leigos estigmatinos, que continuam vivenciando a espiritualidade estigmatina no dia a dia e espalhando o ardor missionário por todo canto. Que São Gaspar ajude a todos nós na missão de evangelizar.

Pe. Isaac Celestino de Assis, css\*

\* Animador vocacional da Província São José, assessor da Pastoral Juvenil Provincial e secretário executivo do Centro Estigmatino de Pastoral em Brasília-DF. E-mail: isaacestigmatino@hotmail.com.

# “A missão é o lugar favorável para a formação”

159

A expressão é da assessora do Seminário Nacional para Formadores e Formadoras que aconteceu em Caucaia-CE, de 22 a 26 de outubro de 2015, Irmã Annette Havenne, a qual afirmou que, para os tempos de hoje, o ambiente da missão traz muitas vantagens para o processo formativo. “A missão tira o formando da autorreferencialidade, ajuda-o a relativizar seus problemas, a sair de sua zona de conforto”, assegurou. Mas, para a Irmã Annette, é preciso cuidar para que os formandos não estejam em ambiente de missão com os olhos fechados, pois a missão deverá ajudá-los a desenvolver uma mística dos olhos abertos. Lembra-nos o papa: “Inserção não é só o fato de ir para um lugar geográfico, é ir para as periferias apaixonados por Jesus e ‘compassivos’ com o povo”.

Ainda de acordo com Havenne, este lugar de missão onde a formação deve estar inserida hoje não deve ser entendido no sentido de missão exercida como “modo de fazer trabalho”, mas como “modo de fazer cuidado” – parafraseando Boff. “Porque o importante não é a eficiência, não é o que eu faço, mas a eficácia, ou seja, do que eu sou testemunho. É necessário que a formação esteja no ambiente missionário, mas com o cuidado para conservar este vigor.”

## Por uma formação mistagógica

Irmã Annette ressaltou, também, a necessidade de uma formação mistagógica. Lembrou que, no início da sua história, espelhando-se em Jesus, que convivia com seus discípulos e discípulas, a Igreja teve a intuição de um caminho de acompanhamento espiritual das pessoas que se preparavam para o batismo, em vista de fazer caminho a partir da experiência

pessoal do futuro batizado, do catecúmeno, no diálogo, na escuta dos questionamentos que o contexto social fazia para ele.

Penso que é isso que precisamos resgatar. A formação mistagógica é uma formação que nasce da experiência pessoal do jovem, mas que no acompanhamento o ajuda a descer, a abrir os olhos e a perceber que nessa realidade tão dura, tão complexa e, às vezes, tão sofrida, é Deus que o interpela a ter a coragem de fazer esta experiência mística de se deixar alcançar por ele no caminho da experiência humana.

"A vida do formador deve ser um grito profético de 'vale a pena seguir Jesus neste caminho específico'"

Ao se referir à formação do formador, a assessora assegurou seu profundo desejo: "Que este Seminário ajude os formadores e as formadoras a desenvolverem, em primeiro lugar, um novo olhar sobre si mesmos(as), de maneira que possam fazer evoluir as relações que tecem com os jovens em formação". "Penso que esse processo passa pelo fato de redescobrir o que o move na sua vocação e na sua missão, ou seja, reconectar-se com seu desejo fundante e reencantar-se com o seguimento de Jesus na Vida Consagrada", enfatiza. A vida de um formador deve ser um grito profético de "vale a pena seguir Jesus neste caminho específico". E acrescenta: "Quando a pessoa estiver assim orientada, o Espírito Santo dará a luz para descobrir novos lugares teológicos no mundo de hoje junto aos jovens".

O formador deve ser um apaixonado pela Vida Consagrada

O filme *Doador de memória*, exibido para os formadores, foi um instrumento para a leitura orante com objetivo de aprofundar o perfil do formador em tempos modernos.



O filme nos levou de volta à figura de Jesus doador de memória, que lava os pés, e penso que, a partir daí, percebemos que estamos na direção certa, no sentido de que somos guardiães e guardiões de uma memória perigosa, que é a memória do que Jesus falou, do que fez e do que apontou no Evangelho,

relatou Irmã Annette.

A assessora concluiu dizendo que o formador não deve ser aquele que gasta suas energias preocupado com conteúdo a passar e testemunho a dar, mas aquele que caminha ao lado do jovem de hoje. “O formador deve ser aquele que faz acontecer a convivência evangélica na comunidade formadora e está aberto a aprender com os jovens os novos lugares teológicos a partir de onde Deus se manifesta e interpela hoje.”

Rosinha Martins\*

Fonte: *site* da CRB: <[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)>

\* Jornalista. Scalabri-  
niana. Mineira. Co-  
rintiana. Feliz. Asses-  
sora de Comunicação  
da CRB Nacional.

Estando no noviciado canônico, após a apresentação de um trabalho sobre a teologia do seguimento de Jesus minha formadora me desafiou a escrever um artigo baseado no mesmo para tentarmos publicar na revista *Convergência*. Impetuosamente decidi aceitar o desafio. E aqui estou escrevendo o meu primeiro artigo para uma revista de tamanha dimensão. O noviciado está sendo para mim um tempo de muita graça, de descoberta e redescoberta da minha própria mística, de cultivar profundamente a intimidade com Jesus. Estou radiante de poder partilhar um pouco da minha experiência de Jesus Cristo, e a visão que tenho do seguimento do Mestre.

### Seguir Jesus é um estado de vida

O seguimento de Jesus nasce do encontro e da experiência pessoal com ele. O *Documento de Aparecida* nos diz que seguir Jesus “é fruto de uma fascinação que responde ao desejo de realização humana, ao desejo de vida plena” (DAP, n. 277). Somente a partir da proximidade com Jesus é que Pedro foi capaz de reconhecer sua divindade e proclamar “Tu és o Messias” (Mc 8,29). A proximidade desperta encantamento, um discípulo apaixonado pelo mestre torna-se seu seguidor, senta-se aos seus pés e dele aprende. O contato direto com Jesus provoca um dinamismo de conversão, entrega e renúncia, compromisso, e ardor. É impossível conhecê-lo e não amá-lo, amá-lo e não segui-lo.

Ser seguidor de Jesus Cristo é um estado de vida, uma maneira de ser e de existir. Trata-se de um ideal, uma convicção que perpassa toda a nossa opção de vida. Não apenas ocasionalmente, conforme nos convém, mas sim um objetivo

abraçado por convicção, como ideal de vida. É procurar viver como ele mesmo viveu, agir da mesma forma que ele, ter os mesmos ideais e anseios. Por essa razão, é uma questão de escolha, que deve ser realizada de maneira livre e consciente, pois é uma forma de viver em profundidade o Evangelho.

A Vida Religiosa Consagrada é um estilo de seguir o Mestre Jesus radicalmente. São João Paulo II, na exortação *Vita Consecrata*, diz que, vivendo plenamente a dedicação a Deus, os consagrados podem e devem ser um raio de beleza divina a iluminar o caminho da existência humana (VC, n. 109). É exatamente a isso que somos chamados, a sermos luz aonde quer que formos, a sermos uma extensão de Jesus Cristo, deste modo somos convidados a experimentar intimamente Jesus e o seu projeto de vida.

## O termômetro espiritual

A autenticidade do seguimento, do nosso ser discípulos missionários de Jesus Cristo, pode ser medida com base em alguns traços muito evidentes de Jesus, que definiam seus ideais, seu proceder e sua personalidade.

A princípio, pode-se destacar sua presença expressiva e contundente na sociedade. Jesus foi profeta mediante as situações de exclusão e exploração. Também se sobressaltam seus diversos gestos de compaixão. Jesus não foi um homem de meras palavras, Jesus foi um homem de ação. Libertava os que dele se aproximavam de tudo o que deteriorava suas vidas. É incontestável também que Jesus sempre deu preferência visível aos mais fracos, aos sofredores e aos que estavam marginalizados. Jesus veio para todos, mas sua opção preferencial foi pelos pobres e marginalizados, pois é na pobreza que o ser humano se abandona a Deus. No Evangelho de São Mateus Jesus deixa bem explícito sua posição: “Pois tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era migrante e me acolhestes, estava nu e me vestistes, estava enfermo e me visitastes, estava encarcerado e fostes me ver” (Mt 25,35-36).

Por fim, destemidamente ele fazia escolhas sensatas e responsáveis de elementos essenciais que balizavam sua prática. Jesus não rompeu com a lei mosaica, pelo contrário, deu pleno sentido a ela. Teve atitudes impactantes, tais como expulsar os cambistas do Templo e dizer que eles haviam transformado o Templo num covil de ladrões (cf. Mt 21, 12-13). Jesus era coerente e assertivo, não se portava de maneira impulsiva, ele analisava o contexto antes de agir, mas de fato sempre agia em consonância com o Reino e sua justiça.

Os pontos acima descritos podem nos servir como critério para fazermos uma estimativa de como estamos vivendo nossa vocação. Afinal, seguir Jesus é remar contra a maré, é ir na contramão de um sistema forte e sedutor que é o capitalismo, cuja filosofia é o lucro exacerbado, sem visar seus efeitos colaterais em detrimento da fraternidade, partilha e solidariedade anunciada e vivida pelo Mestre Jesus. No tempo de Jesus, os pobres, as viúvas, os doentes, as prostitutas, todos os fracos e oprimidos eram excluídos da sociedade, vistos como indignos e impuros, permaneciam à margem da sociedade. Hoje a situação se agravou ainda mais, pois pior que o desprezo é a indiferença. Os cenários de opressão, miséria, marginalização, violência, entre outras calamidades, lamentavelmente já não nos assustam nem nos tiram a tranquilidade.

A sociedade desenvolveu um nível de passividade e conivência em meio a todo esse panorama. O Papa Francisco, na encíclica *Evangelii Gaudium*, define esse comportamento como a globalização da indiferença. O seguimento autêntico ao Mestre Jesus exige de nós a saída da zona de conforto, a luta pela dignidade e igualdade para todos, busca do bem comum, vivência e manifestações dos princípios do amor. Para sermos discípulos de Jesus, é preciso abandonar as nossas seguranças, o individualismo, e ir ao encontro das periferias existenciais. É assumir um compromisso com o outro, com a natureza e com todo o cosmos.

Este ano, que foi decretado pelo Papa Francisco como o Ano da Vida Religiosa Consagrada (VRC), é tempo de nos retomarmos. É preciso olhar meticulosamente para como

estamos vivendo o nosso ser religioso. Será que estamos de fato sendo profetas em meio a essas situações? Ou, assim como a grande massa, estamos anestesiados e tudo passou a ser relativo?

A inércia em nosso cotidiano é algo que infelizmente se instala de forma muito sutil. Precisamos constantemente resgatar as raízes de nossa vocação e reavivar a chama do primeiro amor, para não nos acomodarmos em nossas atividades rotineiras. É preciso estar atentos ao sopro do Espírito Santo, unir as nossas forças e ser luz em meio às trevas, esperança em meio ao desespero, conforto na aflição, enfim, ser sinais e expressões do amor de Deus.

## Atualizando o seguimento

Nos dias atuais, seguir Jesus é realizar na própria vida a sua encarnação. É transformar o modo de vida. É divergir do sistema, do movimento de massa, da dimensão egocêntrica que visa em primeiro lugar o próprio bem-estar, independente dos meios para alcançá-lo. É renunciar a uma boa vida sem preocupações, viver por opção livre e consciente a pobreza. É mergulhar de cabeça e adentrar nesse oceano imprevisível (e, às vezes, angustiante) da adesão a Jesus.

Se a adesão a Jesus Cristo for real, afetará o seu ser por inteiro e contagiará tudo ao seu redor, seu fruto será o amor puro e verdadeiro, que é vida e gera vida. Ao contrário, se a adesão for apenas aparente, logo suas consequências serão contraditórias, não durará muito tempo. É primordial que exista amor pelo ser consagrado e nas nossas ações como consagrados, pois somente assim faremos a diferença na sociedade. São Paulo sabiamente nos assegura: “Ainda que eu reparta todos os meus bens, e entregue meu corpo às chamas, se não tenho amor de nada me serve” (1Cor 13,3). O próprio Jesus alerta: “A boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12,34). Se a pessoa de fato aderiu a Jesus, sua essência estará mudada, logo suas ações também estarão, e o princípio básico de suas ações passa a ser a lei do amor. O amor que vem de Jesus, esta em nós e se estende aos demais.

Com a propagação da teologia da prosperidade e os efeitos do sistema capitalista incutido na sociedade, existe um risco muito grande de cairmos em uma espiritualidade estagnada, na qual não existe uma ascese eminente, e essa prática, por sua vez, contradiz o posicionamento de Jesus. Segundo o Papa Francisco: “A vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimenta o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização” (EG, n. 78).

Contrariando esse movimento subversivo, ser discípulo de Jesus é ter um compromisso com o mundo, preocupando-se com o bem-estar comum, procurando estar em sintonia e atento às necessidades alheias. O papa diz que sair de si mesmo para ir ao encontro do outro é algo que faz bem, que gera vida em quem o faz, tanto quanto em quem o recebe (EG, n. 87). A vivência dos valores cristãos não se resume a ir à missa, participar de grupos de base, ou de momentos de oração. Mas sua essência está na missão permanente: atender ao clamor do irmão que passa fome, buscar fazer a justiça, não viver a corrupção, nortear-se pelos princípios do amor. São Tiago já dizia: “A fé sem obras é morta” (Tg 2,17). Portanto, ser cristão não é só falar, mas é principalmente viver e agir conforme a fé. É expandir a missão do próprio Jesus “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Neste ano da Vida Religiosa Consagrada somos convocados a transparecer a nossa alegria em seguir Jesus, semeando o amor por onde passarmos. “Os nossos contemporâneos querem ver, nas pessoas consagradas, a alegria que brota do fato de estar com o Senhor” (VC, n. 109). As pessoas buscam em nós o diferencial, a pureza, um pedacinho do céu, portanto nos empenhemos em ser esse pedacinho do céu, para todos que de nós se aproximarem. Vamos louvar e adorar o Senhor com a nossa vida, celebrar e agradecer o dom da nossa vocação e reafirmá-la buscando viver com todas as forças as palavras do apóstolo São Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Que a Virgem Maria interceda por nós, para que a cada dia renovemos o nosso sim. Que assim como ela nos coloquemos

prontamente a acolher o projeto do Senhor em nossas vidas: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). Que o nosso sim seja vivencial, transparente na alegria de seguir o Mestre Jesus Cristo.

## Referências

- BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 1990.
- FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013. Coleção Voz do papa, n. 198.
- JOÃO PAULO II. Exortação apostólica *Vita Consecrata*. Sobre a Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 1996. Coleção Voz do papa, n. 147.
- LIMA, Pe. Marcos de. *Seguir Jesus*; para o nosso retiro mensal. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- MESTERS, Frei Carlos. *Com Jesus na contramão*. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2013. Coleção Bíblia na mão do povo.

Gisele Vieira Lunarde\*

\* Noviça canônica das Irmãs de Cristo Pastor. Endereço: Rua Serra da Taquara, 115 – Jardim Bandeirantes – Londrina-PR. E-mail: gisele\_15@hotmail.com.

## O tempo de Deus e o tempo dos pobres

O tempo é coisa preciosa. “Time is money”, dizia Benjamin Franklin. Mais do que sinônimo de dinheiro ou riqueza material, porém, o tempo é dom, graça e presente de Deus. Juntamente com o conceito de espaço, podemos dizer que o tempo consiste em um terreno que o Senhor nos confia para que nele possamos cultivar o mais belo jardim da vida. Entretanto, em termos concretos, o tempo acaba adquirindo concepções diversas e até mesmo contraditórias. Convém levar em conta três delas: tempo latifúndio, tempo investimento e tempo gratuito.

### Tempo latifúndio

É o tempo dedicado unicamente à própria pessoa, ou, quando muito, e em termos egoísticos, voltado de forma exclusiva para a família, o grupo corporativista, o partido etc. Tempo reservado às próprias paixões, desejos, interesses. Muitas vezes infértil e infecundo: cercado de cercas e muros para que os pobres ou estranhos não tenham acesso. A mais comum dessas cercas ou muros é o ilustrativo “não tenho tempo!”. O que significa que o seu tempo está reservado para as necessidades ou vícios pessoais, tais como o excesso de internet, o culto ao carro ou a um lazer mórbido, doentio. O ativismo, a sobrecarga de compromissos, a agenda cheia, não raro, são outras formas de impedir momentos de gratuidade, como veremos mais adiante.

Mas aqui se esconde uma armadilha. Como tudo o que se acumula e guarda somente para si mesmo ou para os seus, também o tempo se desgasta. Quando acumuladas, as frutas e legumes apodrecem. Apodrece também a água parada, a



carne escondida na geladeira ou a comida na dispensa. Apodrece igualmente o tempo! O próprio transcorrer dos dias e anos faz corroer as coisas, enferrujar a solidez do ferro, por exemplo. Tempo acumulado e podre gera o tédio e o vazio. Os danos se voltam contra o proprietário. Daí a noção de latifúndio: desocupado, inútil e incapaz de produzir fruto.

## Tempo investimento

Como demonstra a própria expressão, trata-se do tempo entendido como forma de investir para ganhar algo. A metáfora vem da especulação financeira, onde se investe capital em vista de lucro e de acumulação de mais capital. Prevalencem os critérios capitalistas de multiplicar a riqueza. Assim, o tempo investimento busca encontros interesseiros, que possam gerar algum tipo de “lucro”, seja do ponto de vista ético-religioso, seja do ponto de vista da influência política.

No contexto da atividade pastoral, o tempo é predominantemente “investido” com as pessoas, famílias, grupos, movimentos que podem representar um pronto retorno, tanto no que diz respeito à coleta e à saúde financeira da comunidade, paróquia ou diocese quanto na preocupação de “encher a igreja”. Mais do que a *esperança* na ação oculta da graça e do Espírito Santo, com raízes na fé, prevalece a *expectativa* nas resoluções imediatas. Contrariamente ao que recomenda o Evangelho, os convites, visitas e relacionamentos tendem a selecionar os que têm algo a oferecer em troca. E tendem, por outro lado, a esquecer os que não têm condições de devolver os benefícios.

Reside aqui outra armadilha. Enquanto a esperança procura responder às exigências evangélicas, em particular sobre a ação de Deus na história, a expectativa se volta para as novidades do mercado e de um *marketing* cada vez mais pesado e apelativo. Em lugar da “esperança contra toda a esperança” de que nos fala o apóstolo Paulo, entra em cena o frenesi de adaptar-se à moda, com destaque para as inovações tecnológicas. Com isso o tempo latifúndio se entrelaça com o tempo investimento, em vista de uma eficiência

marcadamente mercadológica. Numa palavra, dinheiro e tempo passam a ser meios de investimento, seja para acumular capital sobre capital, seja para fazer crescer a influência social, religiosa, política etc. Resulta, assim, numa igreja voltada sobre si mesma, privilegiando os que já participam das atividades normais, quando não uma igreja de classe média ou alta.

## Tempo gratuito

Basta um olhar nos relatos evangélicos para que se dê conta de que aqui estamos diante do tempo de Jesus. Tempo do Pai e, ao mesmo tempo, tempo oferecido gratuitamente aos mais pobres e marginalizados. Vale a pena levar em conta a atitude dos diferentes personagens que comparecem na parábola do bom samaritano. O sacerdote e o escriba estão comprometidos com as atividades do Templo. Sua atitude diz claramente que “não têm tempo” para o homem que foi vítima dos ladrões e encontra-se “caído” à beira da estrada. Seguem adiante!

Diferente é a atitude do samaritano. Supõe-se que também ele tenha seus afazeres e suas necessidades próprias. Mas, em sua sensibilidade, é capaz de parar, tomar nas mãos a condição do “ferido”. Diante da situação, passa da mera sensibilidade e comoção à solidariedade efetiva: coloca seus bens e seu tempo a serviço do “caído”. Em outras palavras, o samaritano *prioriza o próprio tempo*, orientando sua atenção sobre aquele cuja vida está ameaçada. “Vai e faz o mesmo”, diz o Mestre, concluindo a parábola.

Efetivamente, não é outra a prática de Jesus, o profeta peregrino e itinerante de Nazaré. Sua caravana jamais atropela uma situação de dor, de sofrimento, de angústia. Jamais deixa de escutar o grito e o clamor dos doentes e sofredores. Sempre se detém diante de quem o procura, esteja a pessoa desesperada ou curiosa, inquieta ou perplexa, perdida ou ansiosa para encontrar o próprio caminho, o sentido da vida, a salvação. No percurso de Jesus, sempre há tempo para aquele que se encontra em maior dificuldade. Daí a

predileção pelos excluídos, os pequenos, os indefesos, os últimos! É exatamente esse tempo gratuito que traz em sua total disponibilidade a paz, a serenidade, a calma, o repouso... Numa palavra, a salvação!

## Conclusão

Não será exagero afirmar que, embora nos sejam familiares todas essas visões de tempo, a noção de gratuidade é a única que é capaz de libertar de forma profunda e verdadeira, uma vez que não se concentra sobre si mesma, mantendo-se aberta ao pobre e ao outro. Oferecer o próprio tempo é oferecer a si mesmo, abrir espaço para a vida partilhada, oportunizando o enriquecimento recíproco. Somente o confronto e o diálogo levam a um crescimento real e efetivo. Enquanto nas demais concepções de tempo – latifúndio e investimento – está em jogo uma espécie de “propriedade privada” e de rendimento do capital financeiro, social ou humano, no centro do tempo gratuito está a pessoa humana em sua inegociável dignidade. É o tempo de Deus, dos pobres e do Reino.

Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs  
Torres Vedras, Lisboa, Portugal

# A passagem profética de Deus na vida de Israel: o testemunho de Amós

JALDEMIR VITÓRIO SJ\*

## Introdução

A teologia bíblica pode ser definida como a história da contínua passagem de Deus na vida do povo de Israel. A experiência fundante acontece no Egito como passagem para libertá-lo da escravidão e guiá-lo pelo deserto até a Terra Prometida, terra de fraternidade e de *shalom*.

A ação divina foi mediada pela ação de Moisés. “Eu te envio ao faraó para que faças sair o meu povo, os israelitas, do Egito” (Ex 3,10). Doravante, o povo poderia contar sempre com a presença de figuras como Moisés, referenciais da presença de Deus em seu meio. “O Senhor teu Deus suscitará para ti, do meio de ti, dentre os teus irmãos, um profeta como eu: é a ele que deverás ouvir” (Dt 18,15).

Um pecado grave de Israel consistiu em não dar ouvidos aos enviados de Deus e seguir as estradas tortuosas da idolatria, com sua face perversa de injustiça e de opressão contra os mais pobres. O período da monarquia foi o mais marcado pela incapacidade de perceber a passagem de Deus na vida do povo, liderado por reis incapazes de reconhecer o projeto de Deus e fazê-lo valer. Entretanto, a passagem divina manteve-se inalterada na insistência dos profetas, conclamando à conversão. Se a desgraça do exílio se abateu sobre Israel (721 a.C.) e sobre Judá (597 e 587 a.C.), deveu-se à cegueira que impedia de ver e ouvir Deus falando sem cessar. “O Senhor tinha advertido seriamente Israel e Judá por meio de todos os profetas e videntes, dizendo: ‘Voltai dos vossos maus caminhos e observai meus mandamentos e

\* Padre jesuíta, membro do Conselho Editorial da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). Professor de Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e de Teologia (FAJE), em Belo Horizonte-MG. Este artigo vincula-se ao Grupo de Pesquisa *A Bíblia em leitura cristã*. E-mail: jvitoriosj@faculdadejesuita.edu.br.

preceitos, conforme todas as leis que prescrevi a vossos pais e que vos comuniquei por meio de meus servos, os profetas” (2Rs 17,13).

A passagem de Deus na vida de Israel por meio dos profetas foi a mais decisiva. As presenças dos reis e a dos sacerdotes foram, neste sentido, menos determinantes. Porém, houve falsos profetas, cujas palavras extraviaram o povo do bom caminho e o impediram de perceber Deus em seu meio. “O profeta que tiver a ousadia de dizer em meu nome alguma coisa que não lhe mandei, ou que falar em nome de outros deuses, esse profeta deverá morrer” (Dt 18,20). O desafio consistia em distinguir o verdadeiro e o falso profeta. Como sabê-lo, se ambos declaravam falar em nome de Deus e tinham a pretensão de ser autênticos? Por conseguinte, a passagem profética de Deus supõe discernimento, para não se incorrer no equívoco de dar ouvido ao falso profeta e rejeitar o verdadeiro, como aconteceu, com frequência, na vida do povo de Israel. A experiência de Jeremias é a mais bem documentada (cf. Jr 28).

Tomaremos o testemunho de Amós para estudar o fenômeno da passagem profética de Deus na vida de Israel. Entretanto, pode servir de indicador para julgar a passagem de Deus na vida dos cristãos, marcada pela presença de Jesus de Nazaré, o profeta Filho de Deus, cujo destino foi a morte de cruz.

A encarnação da passagem de Deus na história de Israel, na ação de Amós, é evidenciada na coleção de oráculos, onde o profeta fala em nome e sob o mandato da divindade (item 1). A intervenção divina na história deve-se à injustiça disseminada na sociedade, cujas vítimas são os mais fracos e indefesos. Deus toma partido em favor deles (item 2). O desvio de conduta da liderança tem em sua raiz um equívoco de caráter religioso.

Pensam ter Deus em seu favor, numa segurança religiosa equivocada (item 3). Cabe ao profeta, em nome de Deus, apontar para as trágicas consequências da ação de quem é incapaz de perceber as exigências éticas da fé (item 4). A atenção às palavras do profeta dependerá da adesão livre de cada ouvinte, por não ter como impô-las à força. Daí a

tentação de seus ouvintes de calá-lo e impedi-lo de revelar-lhes o descompasso de sua conduta com o querer de Deus (item 5). Amós é extremamente crítico, a ponto de se poder pensar que a esperança estava fora de seu horizonte. Os oráculos finais do livro introduzem o tema da esperança, sempre presente na pregação dos verdadeiros profetas. Assim, o texto amoseano aponta para a salvação como objetivo maior da passagem de Deus na vida de seu povo (item 6).

A leitura do profeta Amós oferece pistas importantes para a compreensão do fenômeno profético no contexto latino-americano. Os profetas de nosso continente, tão religioso e tão marcado pela injustiça, afinal, são ecos de uma voz que vem de muito longe, sinais da passagem de Deus entre nós, no imenso anseio de ver a justiça e a misericórdia brilharem como indicadores da presença dele, entre seus filhos e filhas.

## 1. Passagem divina por mediação humana: o profetismo

O gênero literário oracular revela o profeta Amós como presença especial de Deus na história de Israel, ao identificar suas palavras como Palavra de Deus. As muitas afirmações alusivas a Deus – “Assim falou Iahweh” (Am 1,3), “Oráculo de Iahweh” (Am 2,11), “Ouvi esta palavra que Iahweh falou contra vós” (Am 3,1), “O Senhor Iahweh falou” (Am 3,8), “O Senhor Iahweh jurou por sua santidade” (Am 4,2), “O Senhor Iahweh jurou por si mesmo” (Am 6,8), “Eis que Iahweh ordena” (Am 6,11), “Assim me fez ver o Senhor Iahweh” (Am 7,1), “Vi o Senhor, que estava de pé junto ao altar, e ele disse...” (Am 9,1), “Eis que os olhos do Senhor Iahweh estão sobre o reino pecador” (Am 9,8) – e a declaração conclusiva da profecia amoseana – “disse Iahweh teu Deus” (Am 9,15) – são claros indícios de ser Deus o personagem central do texto profético. E Amós, o intermediário da presença divina na história de Israel.

A passagem divina na história acontece, sempre, nas mediações humanas. A narrativa fundante da fé de Israel aponta nessa direção. Quando Moisés responde – “Eis-me aqui!”

(Ex 3,4) – ao chamado de Deus e este lhe revela ter visto a miséria e a aflição do “meu povo”, oprimido pelos egípcios, e a decisão de libertá-lo, ouve a ordem peremptória – “Vai, pois, eu te enviarei ao faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os israelitas” (Ex 3,10). Moisés, portanto, foi constituído mediação da ação divina para a libertação de Israel. E será chamado de profeta, modelo de profeta em Israel – “Vou suscitar para eles um profeta como tu, do meio dos teus irmãos” (Dt 18,18). Um profeta insuperável – “Em Israel nunca mais surgiu um profeta como Moisés, a quem Iahweh conhecia face a face, seja por todos os sinais e prodígios que Iahweh o mandou realizar na terra do Egito, contra o faraó, contra todos os seus servidores e toda sua terra, seja pela mão forte e por todos os feitos grandiosos e terríveis que Moisés realizou aos olhos de todo Israel” (Dt 34,10-12; cf. Jr 15,1; Eclo 45,1-15).

Uma metáfora expressa o chamado de Amós para ser mediador de Iahweh no trato com Israel. “Um leão rugiu: quem não temerá? O Senhor Iahweh falou: quem não profetizará?” (Am 3,8; cf. 1,2) expressa a premência em face da missão de falar em nome de Deus. Seria impossível furtar-se à missão profética. A estreita relação entre Iahweh e seu profeta impede-o de ocultar-lhe seus desígnios. Revelá-los implica contar com a colaboração de quem o conhece. “O Senhor Iahweh não faz coisa alguma sem antes revelar o seu segredo a seus servos, os profetas” (Am 3,7). Escutá-los significa dar ouvido à voz de Deus, na sua extrema preocupação com seu povo.

A ordem do sacerdote de Betel, Amasias, para que se afastasse da cidade onde estava o santuário do rei, permite a Amós expressar a consciência de estar a serviço da Palavra de Iahweh, embora as preocupações profissionais tivessem prevalência em sua vida. “Não sou um profeta, nem filho de profeta; eu sou vaqueiro e cultivador de sicômoros. Mas Iahweh tirou-me de junto do rebanho e Iahweh me disse: ‘Vai, profetiza a meu povo, Israel!’” (Am 7,14-15).

Daí se entende a centralidade de Iahweh na profecia amoseana. A missão profética correspondeu a uma guinada radical em sua vida, a qual o levou a abandonar a

profissão de pastor e agricultor e a se dirigir ao Reino de Israel, cuja divergência com o Reino de Judá era sobejamente conhecida. A estada no “país” vizinho não resultava de uma opção pessoal, mas sim de um apelo urgente de Deus. Competia-lhe encarnar a passagem de Deus na vida dos israelitas. Tudo quanto falará será em nome e por ordem de Iahweh. Seus pontos de vista pessoais não têm importância se comparados com a tarefa da qual está encarregado: ser mediação de Iahweh. Em outras palavras, encarnar a passagem de Deus na história de seu povo, num momento bem preciso de prosperidade com seus rastros de injustiça e de violência.

## 2. Um Deus inconformado com a injustiça

A resposta à questão “Por que Iahweh passa na vida Israel?” aponta para a injustiça perpetrada contra os fracos e indefesos, sobre os quais pousa o olhar de Iahweh. A desordem e a violência imperam (cf. Am 3,9), promovidas pelo rei e sua corte. Os palácios estão cheios de opressão e de rapina (cf. Am 3,10), praticadas por quem está “instalado em Samaria, na beira de um leito e sobre um divã de damasco” (Am 3,12).

O justo é vendido por prata e o indigente, por um par de sandálias (cf. Am 2,6). A cabeça dos fracos é esmagada sobre o pó da terra, sem direito a um julgamento justo, pois os tribunais nas portas das cidades são subornados pelos ricos (cf. Am 2,7ab). As jovens escravas são abusadas por pais e filhos, numa aberta profanação do nome divino (cf. Am 2,7c). Os falsos religiosos não têm escrúpulos de usar vestes penhoradas nos santuários de Iahweh para se estenderem ao lado de qualquer altar, quando deveriam ser devolvidas aos seus donos antes do pôr do sol, como previa a Lei (cf. Dt 24,12-13), tampouco de beber, na casa de “seu” Deus, vinho obtido por muitas indevidamente aplicadas (cf. Am 2,8).

As mulheres, chamadas de “vacas de Basã”, numa alusão ao gado bem cevado das terras férteis aos pés do monte Hermon, levam uma vida debochada, oprimindo os fracos e esmagando os indigentes. A conivência dos maridos



permite-lhes subjugar-los aos caprichos de sua bebedeira desregrada (cf. Am 4,1).

A religião praticada nos santuários de Iahweh era inútil. Apesar de peregrinarem a Betel, Guilgal e Bersabeia, os ricos religiosos “transformam o direito em veneno e lançam por terra a justiça” (Am 5,7). E distorcem o direito, em detrimento dos pobres. Odeiam quem os censura, falando com sinceridade, quando agem com iniquidade nos julgamentos (cf. Am 5,10).

O dinheiro obtido à custa de opressão e de impostura era usado para construir belas mansões (cf. Am 5,11).

A triste sorte do povo – “a ruína de José” (Am 6,6) – não comove os promotores de injustiça. A vida nababesca priva-os de qualquer sentimento de misericórdia.

Estão deitados em leitos de marfim, estendidos em seus divãs, comem cordeiros do rebanho e novilhos do curral, improvisam ao som da harpa, como Davi, inventam para si instrumentos de música, bebem crateras de vinho e se ungem com o melhor dos óleos (Am 6,4-6).

Iahweh está bem atento a esta “orgia” (cf. Am 7,7), onde o direito é transformado em veneno e o fruto da justiça, em absinto (cf. Am 6,12b).

Os comerciantes são vorazes na sede de lucro, sem qualquer piedade com o próximo. Os indigentes são esmagados e os pobres da terra correm o risco de ser eliminados pela maldade deles (cf. Am 8,4). Se, por um lado, cumprem a religião escrupulosamente, respeitando a lei do repouso sabático, por outro não põem limites à ganância, desejando que o tempo passe rápido para explorarem os pobres, diminuindo o peso, aumentando o preço e falsificando as balanças (cf. Am 8,5-6). E, assim, comprarem o fraco com prata, o indigente por um par de sandálias, e venderem até o último grão de trigo (cf. Am 8,6).

O olhar atento de Iahweh sobre um reino pecador (cf. Am 9,8) torna inevitável sua passagem na vida de Israel.

### 3. A atenção desviada pela falsa segurança religiosa

Os contemporâneos de Amós não pecavam por falta de religião, mas sim pela consciência equivocada, fruto da incapacidade de sintonizar o querer de Iahweh. O culto corria paralelo à vida. O trato respeitoso com Deus estava longe de se desdobrar em atitudes misericordiosas nas relações com os mais fracos da sociedade.

O profeta denuncia a incapacidade de os israelitas lerem os “sinais dos tempos”, insistentemente indicados por Iahweh para movê-los à conversão. Am 4,6-11 contém uma série de fatos que, analisados com o olhar de uma fé autêntica, poderiam servir de motivação para a volta sincera a Iahweh. Um estribilho é repetido várias vezes, como indicador da pedagogia divina. “Mas não voltastes a mim!” aponta para a constatação divina da inutilidade de sua visita. Em vão Iahweh tenta conscientizar os israelitas da inutilidade de se praticar um tipo de religião incapaz de passar do culto à compaixão misericordiosa.

A paciência divina tem limites. Por isso Israel deve se preparar para o encontro com Iahweh, quando prestará contas de sua conduta defasada com a verdadeira religião. A declaração “Prepara-te para encontrar o teu Deus” (Am 4,12) dispensa explicações. A passagem de Iahweh prenuncia-se como tempo de castigo divino para uma nação pecadora.

A ideia de eleição embalava os israelitas numa falsa segurança religiosa. “Só a vós eu conheci de todas as famílias da terra, por isso eu vos castigarei por todas as vossas faltas” (Am 3,2) é a declaração posta na boca de Iahweh. A condição de povo eleito comporta exigências éticas incontornáveis. Seus desvios de conduta, portanto, têm um peso particular.

Os oráculos contra as nações vizinhas (cf. Am 1,3-2,5), para culminar no oráculo contra Israel (cf. Am 2,6-16), têm a função de sublinhar a gravidade das injustiças cometidas em Israel. O raciocínio é simples: se as nações vizinhas de Israel, com as quais Iahweh não estabeleceu relação especial, são severamente castigadas por seus pecados contra a dignidade humana, quanto

mais Iahweh será severo com o povo a quem salvou, fazendo “subir da terra do Egito” (Am 3,1)? Quem foi libertado da opressão e da escravidão deveria ter sensibilidade em relação às injustiças cometidas contra os mais fracos. E não promovê-las, escudados na certeza de ter Iahweh a seu favor.

Uma invectiva denuncia a religião errônea dos israelitas. “Ai daqueles que estão tranquilos em Sião e daqueles que se sentem seguros na montanha da Samaria, os nobres da primeira das nações, a quem a casa de Israel recorre” (Am 6,1). Saber-se o “primeiro” na relação com Iahweh deveria apelar para a responsabilidade e o cuidado com o semelhante. Fé e injustiça são incompatíveis na religião de Iahweh. Resulta daí um culto desaprovado pelo próprio Deus. Um culto sem o respaldo da divindade para a qual se cultua! Um culto vazio, a serviço dos interesses de quem o pratica.

Iahweh mina, pelas bases, uma ideia cara aos fiéis israelitas: a libertação da escravidão egípcia, experiência fundante da fé bíblica. “Não sois para mim como os cuchitas, ó israelitas – oráculo de Iahweh. Não fiz Israel subir da terra do Egito, os filisteus de Cáftor e os arameus de Quir?” (Am 9,7). A denúncia amoseana deve ter caído como bomba nos ouvidos dos israelitas.

O profeta afirmava que o êxodo dos filisteus e o dos arameus aconteceram sob a guia de Iahweh, como se passara com o êxodo dos israelitas na saída do Egito. Os filisteus e os arameus eram inimigos históricos dos israelitas. Serem colocados em pé de igualdade com os inimigos soava como blasfêmia. Um aberto desrespeito a Iahweh!

O profeta está longe de querer agradar seus ouvintes. Pelo contrário, quer tirá-los do torpor de uma religião onde Deus é reduzido às dimensões de um ídolo sem poder de mover os fiéis a praticar a justiça. O foco de suas críticas volta-se para o modo de agir do povo, mormente da liderança praticante de um culto equivocado. “Que o direito corra como a água e a justiça como um rio caudaloso!” (Am 5,24). São odiosas as festas, as reuniões, as oferendas, os holocaustos, os sacrifícios de animais cevados, os cantos e os sons de instrumentos, em honra de Iahweh, quando a vida contraria o querer divino,

centrado no trato misericordioso com o próximo. Pode-se dispensar o culto na ausência do direito e da justiça.

Afinal, torna-se inútil. “Por acaso oferecestes-me sacrifícios e oferendas no deserto, durante quarenta anos, ó casa de Israel?” (Am 5,25) é a indagação de Iahweh ao seu povo.

O culto praticado nos santuários dedicados a Iahweh presta-se para levar o povo a pecar. “Entrai em Betel e pecai! Em Guilgal, e multiplicai os pecados! Oferecei, pela manhã, os vossos sacrifícios, e ao terceiro dia os vossos dízimos! Queimai pão fermentado como sacrifício de louvor, proclamai vossas oferendas voluntárias, anunciai-as, porque é assim que gostais, israelitas, oráculo do Senhor Iahweh” (Am 4,4-5). A falsa segurança religiosa afasta os fiéis do Deus verdadeiro. Trata-se da religião segundo o gosto pessoal, sem qualquer preocupação com a vontade divina. Religião sem transcendência!

Eis por que Iahweh desautoriza uma religião assim. “Porque assim falou Iahweh à casa de Israel: Procurai-me e viveis! Mas não procureis Betel, não entreis em Guilgal e não passeis por Bersabeia; pois Guilgal será deportada e Betel se tornará uma iniquidade! Procurai Iahweh e vivereis!” (Am 5,4,6a). Os famosos santuários perderam a razão de existir. Tornaram-se imprestáveis para criar comunhão entre Iahweh e seus adoradores, no sentido de motivá-los à prática do direito e da justiça. Betel e Guilgal serviam para anestesiar a consciência dos fiéis, de modo especial a dos ricos centrados na ganância de possuir, à custa da exploração da parcela mais fragilizada da população. Deus mesmo ordena evitá-los, por terem perdido a finalidade de serem lugares de encontro com ele e de conscientização das exigências da religião de Iahweh.

Que esperar, em tais circunstâncias, quando a religião foi deturpada e perdeu a capacidade de preparar os fiéis para a passagem de Iahweh?

#### 4. Um alerta para as consequências da injustiça

A passagem de Iahweh na vida de Israel tem a clara finalidade de alertar os agentes da injustiça. Assim, a tarefa principal de Amós consistirá em chamar a atenção dos israelitas

para o destino trágico a despontar no horizonte, pela insistência em caminhar na contramão de Iahweh e evitá-lo.

Após anunciar o fim das lideranças dos povos vizinhos de Israel, violadores dos direitos humanos (cf. Am 1,3–2,5), o profeta descreve a sorte de Israel (cf. Am 2,13–16). O oráculo faz alusão ao exército, desbaratado e posto fora de ação. “Aquele que maneja o arco não ficará de pé, o homem ágil não se salvará com os seus pés, o cavaleiro não salvará a sua vida, o mais corajoso entre os heróis fugirá nu, naquele dia” (v. 15–16). Sem exército, Israel ficaria impotente diante do inimigo, sem chance de sobreviver.

A denúncia profética, com certeza, se volta contra quem dava respaldo aos promotores da injustiça, a começar pela casa real. “Assim falou o Senhor Iahweh: Um inimigo cercará a terra, arrancará de ti o teu poder, e os teus palácios serão saqueados” (Am 3,11). A punição dos injustos será exemplar. A impiedade infligida aos pobres e indefesos voltar-se-ia contra eles, com redobrado rigor.

As chances de sobrevivência são descritas com uma metáfora pastoril. “Como o pastor salva da boca do leão duas patas ou um pedaço da orelha, assim serão salvos os filhos de Israel, aqueles que estão instalados em Samaria, na beira de um leito e sobre um divã de damasco” (Am 3,12). O povo todo haveria de sofrer o castigo pela infidelidade da liderança, promotora de injustiça. É difícil pensar um castigo seletivo, onde os injustiçados e oprimidos fossem salvos, cabendo a morte para os injustos e opressores. Os agentes do castigo divino não se dariam ao trabalho de escolher a quem castigar. O peso de sua mão se abateria sobre todos.

A sorte dos santuários foi também entrevista pelo profeta. “No dia em que eu castigar os crimes de Israel, castigarei os altares de Betel; os chifres do altar de Betel serão cortados e cairão por terra” (Am 3,14). A religião encobertadora de injustiça se revelará, então, imprestável para dar segurança. Os santuários poderão ser eliminados, por obscurecerem os interesses de Iahweh. “Os lugares altos de Isaac serão devastados, os santuários de Israel serão arrasados e eu me levantarei com a espada contra a casa de Jeroboão” (Am 7,9). O

conluio entre o rei e o sacerdote, o palácio e o santuário, chegaria ao fim, sem a chance de se restabelecer. O encontro entre Amós e Amasias, sacerdote de Betel, ilustra bem para onde as coisas caminham (cf. Am 7,10-17).

Os ricos serão privados dos bens e reduzidos à pobreza, que desconheciam. “Eu abaterei a casa de inverno com a casa de verão, as casas de marfim serão destruídas e muitas casas desaparecerão” (Am 3,15). De que valeu espoliar os fracos e, depois, padecer a mesma sorte? Como castigo, haveriam de construir casas, mas não as habitariam; plantariam vinhas esplêndidas, mas não haveriam de lhes beber o vinho, sinais de maldição conforme a Lei de Iahweh (cf. Dt 28,30). Iahweh declara que jamais esqueceria nenhuma de suas más ações (cf. Am 8,7). “Não tremará por causa disso a terra? Não estará de luto todo aquele que a habita? Toda ela se levanta como o Nilo, é revolvida e depois desce como o Nilo do Egito!” (Am 8,8; cf. 9,5). A metáfora do terremoto indica que lhes faltaria chão sob os pés (cf. Am 1,1). Estariam sem condições de conservar a riqueza acumulada baseada na injustiça.

Às mulheres ricas estava destinado um fim pavoroso. “Eis que virão dias sobre vós em que vos carregarão com ganchos, e o que sobrar de vós, com arpões. E saireis pelas brechas que cada uma tem diante de si, e sereis empurradas na direção do Hermon” (Am 4,2-3). A metáfora tirada do ambiente de matadouro comporta um realismo duro. O destino das mulheres emproadas seria o exílio humilhante, enxotadas como gado levado para o matadouro ou carregadas como se carregam os animais esquarterados. Nas muitas voltas da vida, estariam em situação pior que a das vítimas de sua vida desregrada.

A deportação será inevitável. “Eu vos deportarei para além de Damasco, disse Iahweh. – Deus dos Exércitos é o seu nome” (Am 5,27). Os que “estão tranquilos em Sião” e “se sentem seguros na montanha da Samaria, os nobres da primeira das nações, a quem a casa de Israel recorre [...] serão exilados à frente dos deportados, e terminará a orgia daqueles que estão estendidos” (Am 6,1.7). O

extermínio a ser levado a cabo por Iahweh será total. “Entregarei a cidade e o que nela se encontra. E acontecerá que, se dez homens restarem em uma casa, eles morrerão! Só restará um pequeno número para tirar os ossos da casa; e dirá ao que está no interior da casa: ‘Há alguém contigo?’. E ele dirá: ‘Fim’. E dirá: ‘Silêncio!’” (Am 6,8-10). E, mais: “Eis que Iahweh ordena: ele fará cair em ruínas a casa grande, e em pedaços a casa pequena!” (Am 6,11). O castigo imposto pelos estrangeiros será total. “Eis que vou suscitar contra vós, casa de Israel, – oráculo de Iahweh, Deus dos Exércitos – uma nação que vos oprimirá, desde a entrada de Emat até a torrente da Arabá” (Am 6,14). As palavras proféticas, pronunciadas em nome de Deus, são inequívocas. O fruto da injustiça será a destruição dos injustos! “Israel, meu povo, está maduro para seu fim, não tornarei mais a perdoá-lo. As cantoras do palácio gemerão naquele dia – oráculo do Senhor Iahweh. Numerosos serão os cadáveres, lançá-los-ão em todos os lugares. Silêncio!” (Am 8,2-3).

A segurança religiosa dos promotores de injustiça terá fim. Do “reino pecador” Iahweh afirma:

Vou suprimi-lo da face da terra, contudo não quero suprimir totalmente a casa de Jacó – oráculo de Iahweh. Porque eis que eu mesmo ordenarei e sacudirei a casa de Israel entre todas as nações, como se sacode com a peneira, sem que caia um grão por terra. Pela espada morrerão todos os pecadores do meu povo, aqueles que diziam: “A calamidade não avançará, não nos atingirá!”. (Am 9,8-10)

Em sua passagem Iahweh será inclemente com quem não foi clemente com o semelhante. Haverão de sofrer na pele o mal praticado contra o próximo.

Amós tocou num ponto sensível na fé de Israel ao apresentar uma versão contraditória do dia de Iahweh. Esperava-se um dia luminoso de intervenção favorável de Deus, em benefício do povo. Entretanto, o profeta pensava diferentemente.

Ai daqueles que desejam o dia de Iahweh! Para que vos servirá o dia de Iahweh? Ele será trevas e não luz. Como alguém que foge de um leão, e um urso cai sobre ele! Ou que entra em casa, coloca a mão na parede e a serpente o morde! Não é o dia de Iahweh trevas e não luz? Sim, ele é escuridão, sem claridade! (Am 5,18-20)

Engana-se quem conta com a salvação divina quando campeia a injustiça. A passagem de Deus será muito distinta da esperada! O luto e a tristeza tomarão o lugar da alegria e da festa.

Acontecerá naquele dia – oráculo do Senhor Iahweh – que eu farei o sol declinar em pleno meio-dia e escurecerei a terra em um dia de luz. Transformarei vossas festas em luto e todos os vossos cantos em lamentação; colocarei um saco em todos os rins e em cada cabeça uma tonsura. Eu a colocarei como em luto pelo filho único, seu fim será como um dia de amargura. (Am 8,9-10)

O profeta desmonta a esperança de quem desconhece os desdobramentos éticos da fé.

Por isso, assim diz Iahweh, Deus dos Exércitos, o Senhor: Em todas as praças haverá lamentação e em todas as ruas dirão: “Ai! Ai!”. Convocarão o camponês para o luto e para a lamentação aqueles que sabem gemer; e em todas as vinhas haverá lamentação, porque passarei no meio de ti, disse Iahweh! (Am 5,16-17)

As duras palavras do profeta parecem apontar para um fim inexorável.

Ouvi esta palavra, que eu profiro sobre vós, como lamentação, casa de Israel. Caiu e não se levantará mais, a virgem de Israel: ela foi atirada ao chão, não há quem a levante! Porque assim falou o Senhor Iahweh: “a cidade que sai com mil ficará com cem, e a que sai com cem ficará com dez”, para a casa de Israel. (Am 5,1-3)

E ainda: “Naquele dia definharão pela sede as belas virgens e os jovens. Aqueles que juram pelo Pecado de Samaria e aqueles que dizem: ‘Viva o teu Deus, Dã!’ e ‘Viva o caminho de Bersabeia!’ cairão e não mais se levantarão” (Am 8,13-14).



A incapacidade de perceber a passagem de Deus, no momento certo, tornaria inútil a busca por ele, quando já fosse demasiado tarde.

Eis que virão dias, – oráculo do Senhor Iahweh – em que enviarei fome à terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a Palavra de Iahweh. Cambalearão de um mar a outro mar, errarão do norte até o levante, à procura da Palavra de Iahweh, mas não a encontrarão! (Am 8,11-12)

A falta de discernimento para reconhecer a passagem de Deus, no tempo determinado por ele, tornaria supérflua a busca no tempo determinado pelos homens. Triste sorte!

Entretanto, resta ainda uma esperança, representada pela conversão ao direito e à justiça. A admoestação do profeta indica o caminho da salvação, com a acolhida de Deus, em sua passagem no meio de seu povo.

Procurai o bem e não o mal para que possais viver, e, deste modo, Iahweh, Deus dos Exércitos, estará convosco, como vós o dizeis! Odiai o mal e amai o bem, estabelecei o direito à porta. Talvez Iahweh, Deus dos Exércitos, tenha compaixão do resto de José. (Am 5,14-15)

Nem tudo está perdido! Existe uma saída: deixar de lado a injustiça e abraçar o direito e o bem, exigências para se acolher Iahweh em meio a seu povo.

## 5. Uma tentação: calar os mediadores da passagem de Deus

A passagem profética de Deus comporta um elemento recorrente na vida de Israel. A presença incômoda dos enviados divinos é rejeitada exatamente por quem deveria acolhê-la.

Rejeitar significa tentar calar a voz denunciadora das infidelidades e das injustiças e, ao mesmo tempo, conclamadora de conversão.

Amós denuncia o pecado dos israelitas que tentam calar os profetas. “Ordenastes aos profetas: ‘Não profetizeis!’” (Am 2,12) corresponde à grave ousadia de se contrapor a Deus, que ordena aos profetas: “Profetizai!”, e coloca em suas bocas o que devem dizer. A tentativa de calar os profetas põe os israelitas em conflito com Deus e torna vã sua passagem na vida do povo, com o fito de salvá-lo. A solicitude divina é respondida com surdez. A benevolência divina encontra corações corrompidos por uma religião falsa, inapta para levar os fiéis a acolherem a presença de Deus em suas vidas, sobretudo no ministério profético.

Um versículo parece contradizer a postura profética. Após descrever a hostilidade sofrida pelos justos e pelos fracos da sociedade, Am 5,10-13 conclui: “Por isso o sábio se cala neste tempo, porque é tempo de desgraça”. A sabedoria aconselha cautela em face da violência dos prepotentes, para evitar a perseguição. O sábio salva a própria pele, calando-se e renunciando a denunciar as injustiças. Entretanto, a prudência pode se configurar como forma de compactuar com o mal.

O profeta verdadeiro recusa-se a baixar a cabeça. O incidente relatado em Am 7,10-17 revela a intrepidez de Amós ao ser intimado a se calar e a se retirar de Betel, cidade onde estava o santuário real, por sua pregação contundente contra o rei e sua corte. O sacerdote mancomunado com o rei teve a ousadia de investir contra o profeta. E foi confrontado com duros oráculos da parte de Iahweh, com os quais não contava.

A pregação de Amós preocupa Amasias, que o acusa de conspirar contra o rei com palavras insuportáveis. “A terra não pode mais suportar todas as suas palavras” (v. 10). Sem titubear, Amós proclamava: “Jeroboão morrerá pela espada e Israel será deportado para longe de sua terra” (v. 11). Quiçá o sacerdote entrevisse um golpe de Estado, pois, por não haver sucessão dinástica no Reino do Norte, o trono era ocupado por quem eliminasse, por meios violentos, o governante e tomasse nas mãos o poder. O futuro trágico do rei poria em risco o futuro do sacerdote, que estava a serviço da casa real. Portanto, ao se interessar pela sorte do rei, Amasias buscava segurança para si mesmo.

Tendo avisado o rei, o sacerdote cuida de afastar o profeta para longe. E manda-o de volta para sua terra no Reino do Sul, com uma sugestão: “Come lá o teu pão e profetiza lá” (v. 12). Sem dúvida, confundia-o com quem vivia às custas de “vender” oráculos, a pedido dos interessados. Uma espécie de comerciante do sagrado! Que o fizesse longe de Betel, “porque é um santuário do rei, um templo do reino” (v. 13). Não ficava bem proferir oráculos contrários aos interesses do monarca. Só oráculos que lhe fossem favoráveis! Ou seja, o rei queria determinar os rumos da profecia.

A resposta do pastor de Técuá foi contundente. “Não sou um profeta, nem filho de profeta. Eu sou um vaqueiro e um cultivador de sicômoros. Mas Iahweh tirou-me de junto do rebanho e Iahweh me disse: ‘Vai, profetiza a meu povo, Israel’” (v. 14-15). Amós denuncia o equívoco de Amasias. Seu ganha-pão não é o ministério profético, mas sim o ofício de pastor e de agricultor. Suas denúncias decorrem de uma vocação divina irresistível. Daí ter deixado sua terra e sua profissão para exercer a espinhosa missão de denunciador dos desmandos do rei. E o sacerdote tinha a ousadia de querer calá-lo, quando Iahweh lhe ordenara profetizar. Entre obedecer a Deus ou ao sacerdote, Amós sabia de que lado ficar, mesmo pondo a vida em risco.

A tentativa de proibi-lo de falar – “Tu dizes: ‘Não profetizarás contra Israel, e não vaticinarás contra a casa de Isaac’” (v. 16) – foi inútil. Um duro oráculo é reservado para o sacerdote. “Assim disse Iahweh: ‘Tua mulher se prostituirá na cidade, teus filhos e tuas filhas cairão pela espada, a tua terra será dividida com a trena e tu morrerás em uma terra impura. Israel será deportado para longe de sua terra’” (v. 17). Quem vivia em função da pureza seria vitimado por castigos que o tornariam impuro, culminando com a morte numa terra impura, vendo o povo deportado.

Amasias reconhece, em Amós, a condição de profeta ao chamá-lo de “vidente” e pressioná-lo a exercer, alhures, o ofício de profeta.<sup>1</sup> Para ele, o profeta se equivocara quanto ao lugar de atuação. Quanto mais longe do santuário real, melhor! O sacerdote, entretanto, foi incapaz de reconhecer a

1 “Antigamente, em Israel, quando alguém ia consultar a Deus, dizia: ‘Vamos ao vidente’, pois em vez de ‘profeta’, como hoje se diz, dizia-se ‘vidente’.” (1Sm 9,9)

identidade de Amós ao confundi-lo com os profetas de profissão, cuja sobrevivência dependia do “comércio” de oráculos. O equívoco valeu-lhe colocar-se na contramão de Iahweh, com terríveis consequências. Um profeta verdadeiro jamais se deixa calar, mesmo devendo pagar com a própria vida.

Nada se sabe de Amós após o quiproquó em Betel. Entretanto, a maneira como enfrentou o sacerdote dá margem para que se pense que não se dobrou às pressões de quem se submetia aos caprichos do rei, em detrimento do querer do Deus de Israel. Amós segue a direção contrária! O imperativo do querer divino é inquestionável! Daí não se ter deixado calar. “Um leão rugiu: quem não temerá? O Senhor Iahweh falou: quem não profetizará?” (Am 3,8) é uma metáfora eloquente para quem se coloca a serviço de Deus na sua passagem profética pelas veredas da história.

## 6. Uma passagem salvífica:

“Mudarei o destino de meu povo, Israel”  
(Am 9,14)

O texto canônico de Amós se conclui com oráculos de salvação (cf. Am 9,11-15), diferentemente do restante da obra perpassada de duros oráculos de condenação. Os estudiosos reconhecem tratar-se de uma perícopé tardia, por ser destoante.

Entretanto, existe uma sabedoria no expediente do editor das profecias amoseanas. A palavra última de Iahweh, jamais, será de condenação. Por pior que seja a situação, resta sempre espaço para a esperança. O profeta verdadeiro é esperançoso por natureza. Pelo contrário, os profetas da desgraça são falsos, por contradizerem a identidade de Deus salvador de seu povo.

O futuro será tempo de reconstruir o que fora desmoronado, de reparar as brechas e reerguer as ruínas, dando à “tenda de Davi” o esplendor de outrora (cf. v. 11). Israel não está fadado à desgraça. A prudência aconselha esperar, sem se deixar impressionar pelos tempos ruins. A fé permite olhar para além das agruras do presente e fixar-se no que virá.

Deixar-se levar pelo derrotismo significa perder a chance de acolher o Deus que visita seu povo, trazendo salvação. O reino davídico será restaurado, em consonância com a promessa divina (cf. 2Sm 7,1-17).

A prosperidade, expressão do *shalom*, aconteceria na fertilidade do solo. “Eis que virão dias – oráculo de Iahweh – em que aquele que semeia estará próximo daquele que colhe, aquele que pisa as uvas, daquele que planta; as montanhas destilarão mosto, e todas as colinas derreter-se-ão” (v. 13). São metáforas de um futuro próspero, no qual as tragédias serão coisas do passado.

Por fim, a coisa mais desejada: Israel será reconstruído. “Mudarei o destino de meu povo, Israel. Eles reconstruirão as cidades devastadas e as habitarão, plantarão vinhas e beberão o seu vinho, cultivarão pomares e comerão os seus frutos” (v. 9,14). Trata-se, pois, de um futuro consolidado, marcado pela bênção de poder plantar e usufruir do fruto do trabalho.

As palavras conclusivas do texto de Amós são carregadas de otimismo. “Eu os plantarei em sua terra e não serão mais arrancados de sua terra, que eu lhes dei, disse Iahweh teu Deus” (v. 15). Existem fundados motivos para dar ouvidos às palavras do profeta e renovar a confiança no Deus de Israel, sempre presente na vida do seu povo.

## Conclusão

A passagem profética de Deus na vida de um povo acontece pela mediação de pessoas concretas. O pré-requisito fundamental consiste em descobrir o rosto do Deus libertador e suas expectativas para a humanidade. O passo seguinte corresponde à adesão radical a ele, numa experiência transformadora da vida do fiel. Esse passo inescusável da fé desembocará numa sensibilidade especial quanto aos descompassos da realidade comparada com as exigências da fé. A denúncia da injustiça e da maldade será decorrência normal de quem assume uma postura profética. No caso de Amós, ao tomar consciência das injustiças perpetradas contra os

pobres e indefesos, torna-se a voz de Deus a clamar justiça. Suas palavras fortes e inequívocas refletem a urgência divina de conversão. A passagem divina dar-se-á na ação destruidora dos inimigos.

Porém, a passagem profética pode ser de caráter salvífico, ao anunciar ao povo a salvação oferecida por Deus, ao livrá-lo da ação perniciosa dos inimigos. Deus passa para salvar, na esperança suscitada pela ação dos profetas. Caso seja eficaz, o povo se disporá à conversão, com a respectiva intervenção salvífica de Javé. A ação divina estará sempre na dependência das opções humanas, em face dos enviados de Deus.

São muitos os que, ao longo dos tempos, foram encarnação da passagem de Deus no meio da humanidade. A América Latina foi palco da atuação de muitos deles, no passado e no presente. A lista seria alentada! Entretanto, em todos(as), a opção preferencial pelos pobres e o compromisso pela transformação da realidade, movidos(as) pela fé, foram atitudes inescusáveis. Afinal, como sempre, Deus visita seu povo para salvá-lo e libertá-lo!

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais são os sinais da passagem de Deus na vida de nosso povo pelo testemunho profético das religiosas e dos religiosos? Pense em pessoas, fatos e circunstâncias.
2. Em que sentido a religião tem obscurecido e dificultado a passagem de Deus na vida do nosso povo e, assim, se tornado falsa religião?
3. Que se pode esperar de uma sociedade avessa a Deus, sem transcendência, onde o “outro”, especialmente os empobrecidos e marginalizados, são descartados?
4. Como tem sido tratado, pela Igreja e pela Sociedade, quem se arrisca a ser profeta, voz de Deus a clamar por um mundo de justiça e de fraternidade?

# A ética do cuidado na Vida Religiosa Consagrada

191

FR. DANILO JOSÉ JANEGITZ, OAR\*

## Novo paradigma para revitalização

O cuidado aparece como categoria central do novo paradigma da Vida Religiosa Consagrada (VRC)<sup>1</sup> que aposta pela pessoa. A ausência dessa dimensão do cuidado na sociedade fez emergir uma “tecnociência” que construiu “armas de destruição massiva”, de devastação da biosfera e da própria sobrevivência da espécie humana. Daí que nossa aposta pela dimensão do cuidado como um fator prioritário de humanização capaz de transformar nosso contexto de VRC é uma oportunidade para crescer em humanidade e afrontar este momento de mudança de paradigma e revitalização em nossa forma de vida.

Uma visão holística da pessoa, em todas as suas dimensões e na sua capacidade de autotranscendência desde uma antropologia que considere o homem e a mulher como seres capacitados para o encontro com o outro e como o Outro, considera que o cuidado do ser humano alcança dimensões físico-químicas, psicológicas, espirituais, sociais, ecológicas e, certamente, teológicas.

Podemos compreender o chamado de hoje ao desafio da sustentabilidade, considerando mesmo que o cuidado da pessoa não se restringe ao personalismo herdado da psicologia como ciência, senão entendendo-o dentro de uma “ecologia total” de nosso planeta que requer cuidado.

A identidade que a VRC quer hoje favorecer suscita em nós novas categorias, como a hospitalidade para com o outro e do outro; a compaixão com todas as formas de vida; a humanidade contra qualquer forma de violência; a consciência de

\* Frei Danilo José Janegitz é agostiniano recoleto. Nasceu no interior do estado de São Paulo. Graduado em Teologia pela Facultad de Teología de Granada (Espanha), mestre em Teologia com especialidade em Vida Religiosa Consagrada pela Pontificia Universidad de Salamanca (ITVR-Madrid). Atua como promotor vocacional-Norte do Brasil (Belém-PA), compõe a equipe formativa do seminário da Ordem dos Agostinianos Recoletos (OAR) em Belém e é coordenador do secretariado de pastoral vocacional e juvenil do vicariato de sua Província no Brasil. E-mail:

igualdade diante de qualquer forma de despotismo ou descarte; a prosperidade compartilhada e o respeito mútuo à dignidade da pessoa e da vida, diante da coisificação da mesma.<sup>2</sup>

Consideramos que a VRC é, antes de tudo, “vida”, e encontramos vinho novo e nova vida ao tomar consciência de uma identidade cada vez mais expansiva que reconhece a dimensão sacralizada do outro. Neste momento, no *kairós* da VRC o Espírito Santo está suscitando novo impulso carismático que, como em Pentecostes, nos quer fazer homens e mulheres mais abertos à riqueza da interculturalidade; aquele logro de unidade no fundamental, permitindo a diferença e abraçando a possibilidade de entendermos ainda que falemos diversas línguas ou tenhamos rostos de diferentes cores e traços.

A proposta evangélica da *koinonía* nos abre à dimensão da unidade que vai além de formar meros grupos de amigos. A comunidade do Reino nos pede uma liderança na VRC que esteja atenta aos signos de vida, uma liderança samaritana que é capaz de deter o passo quantas vezes for necessário para acompanhar quem ficou na beira do caminho. Uma liderança aberta ao diálogo, que inaugura uma verdadeira “mística do encontro” centrada na pessoa mais que na instituição. Esse tipo de liderança não é compatível, portanto, com o *lobby* de poder e pressão que ameaça.

## A liderança e o cuidado

A liderança na VRC hoje é mais bem entendida como artesã de fraternidade que busca trazer para fora a luz que cada pessoa tem dentro de si para o crescimento da comunhão. A *Ruah* de Deus nos está pedindo uma liderança patrocinadora, mais que administrativa, que oriente, que pense com sentido de comunhão, que conduza, confie e assuma a responsabilidade de sacar o melhor de cada pessoa.

A VRC revitalizada com a ajuda deste tipo de liderança deixa de se ver como identidade tribal ou nacional. Emerge uma consciência nova que conduz a uma identidade planetária, global. Cada vez mais somos habitantes deste planeta azul em sua consciência missionária católica, abertos a

2 Cf. GARCÍA PAREDES, José Cristo Rey. *Renovación e innovación. Vino y odres nuevos en la vida consagrada*. Madrid: PCI, 2015. p. 33-38.



todos, longe de uma autorreferencialidade que empobrece por não reconhecer a riqueza das diferenças e das culturas.

O cuidado na VRC não tem outra conotação senão cuidar de nós mesmos, de nossos irmãos e de toda a criação com amor, ternura e misericórdia.<sup>3</sup> A experiência de Deus como amor necessita voltar a ocupar o centro da VRC a partir de uma atitude ablativa. Desde o amor será necessário construir pacientemente a vida das comunidades religiosas concentrando todas as forças na escuta atenta da Palavra de Deus para depois celebrá-la em comunhão; partilhar em fraternidade e comunicar na missão. A experiência da fraternidade nasce do chamado a uma nova relação. Inaugura-se, assim, um novo estilo de família, que é possível justamente porque não parte das forças e pretensões de cada um, mas da referência comum de um único Senhor.<sup>4</sup> Assim, e somente assim, as relações interpessoais podem ser lidas à luz do mistério da Trindade.<sup>5</sup>

O cuidado, para o poeta latino Horácio (65–8 a.C.), é o permanente companheiro do ser humano,<sup>6</sup> porque este nunca deixará de amar e desvelar-se por alguém. No trajeto da pessoa, na história da humanidade, vemos que a categoria “cuidado” está sempre presente. Toda pessoa, para ser pessoa, há de experimentar essa saída de si para o outro, que a faz capaz de dar e receber amor.

A constatação do desgaste da pessoa (síndrome de *Burnout*), do cansaço experimentado na sociedade que muda na velocidade da luz (sociedade do cansaço), fruto da revolução consumista, e da insegurança vivida ante não pouca hostilidade, está abrindo passagem para uma nova ética centrada na vida, preocupada por construir fatores de humanização.

## A ética do cuidado: bioética

O tema do cuidado tem aparecido com bastante frequência nos manuais de bioética, ainda que não se restrinja a esse campo. A *bio-ética* quer ser ponte entre a ciência e a humanidade. Como disciplina, aspira a criar uma “ponte” – termo utilizado por Van Rensselaer Potter – entre duas culturas:

3 Cf. BARBOSA, Manuel. Cuidar da Vida Consagrada. *Vida Consagrada* 375 (2014) 41.

4 Cf. ALEIXANDRE, Dolores. Situar-se, pertencer y poner nombre. Las tareas del discípulo en Marcos. *Vida Religiosa* 119 (2015) 119–202.

5 Cf. BRAZ DE AVÍZ, João. O cuidado eclesial da Vida Consagrada. 50 anos do decreto conciliar *Perfectae Caritatis* sobre a atualização dos religiosos. *Vida Consagrada* 376 (2014) 82–102.

6 Cf. BOFF, Leonardo. *El cuidado esencial. Ética de lo humano, compasión por la Tierra*. Madrid: Trotta, 2002. p. 74.

a tecnológica e a humana, que para ele pareciam irreconciliáveis.<sup>7</sup> A ética do cuidado ocupa um lugar importante na disciplina de bioética, já que responde à defesa do valor e da dignidade da pessoa e da vida.

Na bioética médica apareceu, diante da instrumentalização acelerada, a dimensão do cuidar antes que do tratar ou curar, destacando mais o relacional: “estar com”, prestar serviço à pessoa humana em todas as dimensões: física, fisiológica, psíquica, social e espiritual. Têm aparecido em alguns hospitais equipes médicas que, juntas, trabalham pela saúde holística do indivíduo. Ainda que nós saibamos que em nosso contexto social há um verdadeiro descaso, faltando mesmo muitas vezes o mínimo atendimento aos mais fragilizados. Não será aí que devemos estar? A VRC deve ser profética.

Cuidar é um verbo de ação que vem neste tempo acentuar o sentido e a necessidade de humanizar. Pode ser que no âmbito sanitário não seja sempre possível curar, porém sempre será possível cuidar melhor. Seguramente, em nosso meio haverá comunidades que perderam vitalidade, e é justamente aí que se faz imprescindível o chamado do Papa Francisco a deslocarmos-nos às “periferias existenciais”. Não é o cuidado algo exclusivo da bioética, senão que podemos encontrá-lo na teorização de diversas disciplinas da humanidade e no coração mesmo da VRC, que vem necessitando de uma terapia de vitalidade.

O cuidado pode ser contemplado a partir de diferentes prismas e perspectivas. Nós consideramos a pessoa do religioso-consagrado desde sua perspectiva transcendente e desde sua opção livre por uma forma de seguimento como é a VRC. De maneira que o cuidado pode ser contemplado como elemento importante e imprescindível em nossas comunidades. Evidentemente, não podemos passar a página sem escutar indicações provenientes da filosofia, da ética, da estética, da medicina, da psicologia etc.

Desde o panorama filosófico, a reflexão sobre o cuidado parte da vulnerabilidade e responsabilidade humanas, sustenta-se em uma determinada antropologia. Um ser finito e limitado, como é o caso do ser humano, necessita ser cuidado em todos os momentos da vida, e especialmente quando vive

7 Cf. GAFO, Javier. *Bioética teológica*. Sevilha: Desclée de Brouwer, 2003. p. 21.

circunstâncias adversas. O ser humano não é um ser acabado, não está totalmente determinado, está em um itinerário de realização, de projeto. Em terminologia agostiniana, o ser humano é um *Homo viator*, peregrino inquieto. Falar hoje de responsabilidade como um dever moral ante a vulnerabilidade do outro não deixa de ter importância neste marco especulativo.

Martin Heidegger, por exemplo, contempla a dimensão ontológico-existencial do cuidado, de maneira que não se trata só de um ato ou de uma virtude entre outras, senão de um modo de ser essencial, vinculado à própria natureza humana. O cuidado (*Sorge*) é existencial e aprioristicamente “anterior” a todo comportamento e a toda situação. Para Heidegger, o cuidado proporciona o fundamento sobre o qual se deve mover toda a explicitação do ser humano. Assim, podemos concluir que o “modo de ser” cuidado revela a maneira concreta como é o ser humano. Sem o cuidado não há possibilidade para o humano. O cuidado é fonte de vida. Por isso Heidegger fala que estamos no mundo, estamos no mundo com outros, estamos abertos ao futuro e somos seres para a morte, já que esta pertence à vida. Nós, cristãos, consideramos que somos bem mais seres para a Vida do que seres para a morte. Mas o que está em jogo aqui é que o cuidado é mediador de todo o processo. É tão necessário cuidar do novo ser vivo quanto daquele que abandona a existência, para que tenha uma morte com dignidade e gratidão.

A ética do cuidado também é considerada como uma ética da justiça, já que enfatiza a ideia de solidariedade, racionalidade, direito, igualdade, porém sem ser uma ética fria e distante, senão que bem mais na linha da cordialidade, da relação, da empatia e do compromisso. Os problemas vitais requerem uma ação personalizada, não meramente racional. Na ética do cuidado, prima mais o relacional que o racional. O modelo de ética do cuidado não substitui a ética da justiça, complementa-a, modera-a e fundamenta-a.

Também o cuidado tem relação com a estética. O cuidado é uma arte que conduz ao bom, belo e verdadeiro. Busca a justa medida, a harmonia. A mesma natureza não aparece centrada apenas na vida (*bio-centrada*), senão que descansa no

equilíbrio de vida e morte,<sup>8</sup> em um verdadeiro espetáculo desde a categoria de *autopoiesis*:<sup>9</sup> palavra afim aos termos poesia e poético, que evocam a criatividade, na possibilidade de fazer emergir a beleza e o novo.<sup>10</sup> A estética nos conduz ao amor e à socialização, à ternura vital, à compaixão radical, à carícia essencial, aos gestos, às palavras, ao olhar, ao tempo e ao espaço, e à contemplação em definitivo.

Contudo há uma dimensão menos positiva do cuidado, quando ele é destrutivo antes que criador. Leonardo Boff nos adverte que, ainda que haja uma concretização do cuidado em muitos níveis (cuidado de si mesmo, do corpo, da saúde, interioridade e espiritualidade; cuidado do outro, cuidar da sociedade e do planeta Terra), é importante estarmos atentos para não cair nas patologias do cuidado, que conduzem a negação do cuidado essencial e se convertem em obsessão ou carência. A superproteção não ajuda ninguém a crescer, tampouco o descuido. Por isso é importante, em nossa VRC, uma pastoral do acompanhamento em todos os processos e etapas da vida.

Em nossa pequena trajetória como religioso-consagrado, tentamos abordar o cuidado desde a dimensão antropológica-psicológica, sem esquecer a vocação última do ser humano, que estará inquieto até que descanse em Deus. Enquanto somos peregrinos neste caminho de aprendizado, não podemos deixar de atender aos que realizam sua caminhada junto de nós. A caridade nos abre à dimensão do encontro como bons samaritanos. Por isso apostamos pelo cuidado do religioso-consagrado na comunidade. Idealizando equipes de revitalização centradas na pessoa para solucionar conflitos. O cuidado não deveria aparecer na VRC só quando um irmão é diagnosticado com depressão ou pede para sair de nossos institutos. O cuidado deve aparecer como condição essencial de nossa forma de vida. Podemos muitas vezes cair em um ativismo com os de fora das comunidades e esquecer do(a) irmão(ã) que caminha a nosso lado, que senta conosco para rezar e comer.

Quando a caridade está em ação, aparece o cuidado. O cuidado, como modo de ser essencial do ser humano, nos possibilita sentimentos de compaixão, diligência e caridade para com

8 Cf. BOFF, *El cuidado esencial...*, p. 92.

9 O termo *autopoiesis* foi introduzido em 1972 pelo biólogo chileno Humberto Maturana e por Francisco Varela para definir a química de autoatualização das células vivas. Mais tarde, o conceito foi aplicado pelo filósofo da comunicação, o canadense Marshall McLuhan, na teoria dos sistemas e da sociologia.

10 Cf. GARCÍA PAREDES, *Renovación e innovación...*, p. 50.

os demais. A vocação para cuidar aparece no DNA da natureza humana, querida e amada por Deus, e sempre, em última instância, provém dele, já que se revela como Deus Cuidador.<sup>11</sup>

Por isso atrevemo-nos a fazer uma chamada de atenção a uma “Teologia do Cuidado”, inspirada nas mesmas palavras e obras de Jesus.<sup>12</sup> Também cabe destacar que em toda a tradição cristã nos encontramos com uma constante chamada para cuidar. A VRC sempre foi um incentivo do cuidado em meio aos diversos cenários da história. A VRC esteve sempre atenta ao impulso do Espírito Santo, e neste tempo e momento da história não quer ser indiferente a ele.

## Conclusão

Há uma fábula do mundo greco-romano, que nos chega por Higino, bibliotecário de César Augusto, muito significativa. O cuidado aparece como criador, que dá forma ao barro da Terra, formando um novo ser, chamado de humano, feito de húmus (terra), que é chamado a ser terra fértil.<sup>13</sup>

Braço que envolve,  
Palavra que conforta,  
Silêncio que respeita,  
Alegria que contagia,  
Lágrima que corre,  
Olhar que acaricia,  
Desejo que sacia,  
Amor que promove.  
E isso não é coisa de outro mundo,  
É o que dá sentido à vida.  
É o que faz com que ela  
Não seja nem curta,  
Nem longa demais,  
Mas que seja intensa,  
Verdadeira, pura... Enquanto durar.

Toquemos e cuidemos do coração das pessoas e, sem medo, deixemos também que nosso eu seja sempre aberto a deixar-se afetar pelo outro. Essa sempre foi a característica da VRC.

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Sou consciente de que este momento de mudança de paradigma, onde há uma clara chamada para revitalizar nossa forma de vida na Igreja, exige mais atenção às pessoas que às estruturas?
2. Em minha experiência de comunidade-fraternidade pude comprovar em algum momento a necessidade de ser cuidado(a) para logo melhor cuidar os demais?
3. Em minha congregação há espaços de ajuda para aqueles(as) religiosos(as)-consagrados(as) que necessitem de uma assistência personalizada (atenção psicológica, espiritual, fisioterapêutica, formativo-intelectual etc.)?

# “Arruinaram as minhas férias!”

199

Sobre o fim da civilização da riqueza<sup>1</sup>

JOHANNES GIERSE\*

Muitos turistas estrangeiros se irritam na ilha grega de Kos: “Sonhávamos passar lindas férias e gastamos uma fortuna para isso. Agora, vieram estes refugiados: na praia, nas ruas e nas praças. É impossível passear, tem lixo espalhado por todo canto, fedor de urina...”. Os refugiados arruinaram as férias de milhares de turistas! Uma TV alemã<sup>2</sup> mostrou numa reportagem como turistas e refugiados convivem lado a lado naquela ilha paradisíaca. Atrapalhados ou enraivecidos, os turistas resistem a se envolver, pois não querem ceder à rotina deles. Uns poucos fazem a diferença, como aquele austríaco que compra cada dia água mineral e bolachas – o básico – num valor de R\$ 600. “Eles têm fome, não importa a raça, religião ou nação”, explica-se.

O turismo internacional já perdeu alguns paraísos: o Nepal, arrasado pelo terremoto; a Tunísia, a Tailândia e companhia são países candidatos a atentados terroristas; a Grécia e o sul da Itália superlotados – não de turistas, mas de refugiados. Enfim, a Espanha foi redescoberta, sendo um destino seguro. Consequências: acesso à praia do Golfo da Biscaia só mediante reserva na internet; no centro de Barcelona se atropelam multidões de turistas.

## Os verdadeiros atropelados

A cultura do turismo representa, ao mesmo tempo e no mesmo lugar, um forte contraste às ondas de refugiados. De um lado estão aqueles que acham ter direito a um lugar paradisíaco; do outro lado estão aqueles que, para escapar do inferno em casa, buscam um caminho rumo ao paraíso

\* Johannes Gierse é alemão, no Brasil desde 1990, membro da Província Franciscana de Nossa Senhora da Assunção, Bacabal-MA, com experiências pastorais no Nordeste e na Amazônia e mestrado em Missiologia pelo ITESP.

1 O artigo, originalmente escrito em alemão, é uma forma pessoal de lidar com o drama dos refugiados que fogem para a Europa. Sendo alemão que reside no Brasil, acompanho os noticiários pela mídia. Busco explicações à luz da minha fé e da teologia latino-americana. Estou consciente de que algumas colocações podem parecer “pesadas”, mas “a clareza é a cortesia da crítica” (Hellmuth Karasek). Também no Brasil, migrantes e refugiados virão sempre mais ao nosso encontro (N.A.).

2 Zweite Deutsche Fernsehen (ZDF), noticiário *Heute Journal*, exibido no dia 20 de agosto de 2015.

sonhado precisando passar pelo inferno. No seu caminho de fuga vivem atropelados pela morte.

Na travessia do mar Mediterrâneo nadam angustiados nas ondas – cerca de 10% morrem afogados (nas mesmas águas nas quais os turistas tomam banho). Na travessia da Turquia, rumo às ilhas gregas, eles desembarcam nas praias, atropelando os turistas. Na travessia da Grécia, via Macedônia, rumo à Hungria, viajam esmagados nos trens para chegar, atropelados, na fronteira entre a Sérvia e a Hungria, a uma cerca de 4 m de altura. Na travessia da Áustria, ficam em pé dentro de um caminhão-frigorífico para morrerem asfixiados. Na travessia de Calais, na França, rumo às Ilhas Britânicas, ficam a céu aberto acampados e atropelados pela polícia francesa. Chegando à Alemanha, aguardam atropelados na fila diante de um funcionário público para serem registrados e chegar finalmente a um local onde enfrentam uma onda de violência, xenofobia ou perseguição por parte de racistas e neonazistas.

Será que aquelas pessoas que atropelam os refugiados nas praias e nos centros urbanos têm uma noção do que significa levar uma vida em plena incerteza e insegurança, com sede e fome, medo da violência, rejeição, na sujeira e no fedor, a céu aberto e a pé?

A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma,

alertou o Papa Francisco na sua carta apostólica *Evangelii Gaudium* (EG 54).

É possível ficar indiferente ao assistir na mídia as imagens do sofrimento humano? Confesso que, como muitas outras pessoas, me emociono derramando lágrimas – o que não é um simples sentimentalismo! Torço junto aos refugiados para suportar as dificuldades; admiro os gestos solidários de tantos engajados profissionais e voluntários. Graças a Deus há boas notícias que mostram o outro lado: funcionários públicos e agentes de organizações que fazem questão de tratar cada



indivíduo refugiado com sua devida dignidade; voluntários de todas as idades ensinam aos estrangeiros os primeiros passos num mundo desconhecido e se dedicam com afinco a integrá-los na sociedade (repartições públicas, moradia, roupa, escola, emprego); cidadãos(ãs) se manifestam contra as forças radicais violentas da Direita. Contrariamente a outros povos europeus, o povo alemão é elogiado pela sua “cultura de boas-vindas”: *Welcome refugees!* A solidariedade de muitos e o “não” à xenofobia real e virtual são sinais de que um “outro mundo é possível!”. Não somente em tempo de Copa do Mundo os alemães estão unidos, dançando e festejando, também em tempos de desastre humanitário.

Por outro lado, tomados pela raiva, esperamos que Deus converta aquelas pessoas cujas fronteiras fechadas – do país e da cabeça – clamam ao céu: os britânicos e húngaros, que transformam seu país numa ilha inalcançável; os poloneses católicos, anfitriões da Jornada Mundial da Juventude 2016, que, com exceção de uns poucos ucranianos, resistem a receber refugiados, jamais muçulmanos, ainda que o papa tenha pedido que cada paróquia e convento acolhesse uma família; o governo da Bavária e uns bávaros que, com sua mentalidade do “nós somos nós”, se acham um Estado soberano, no qual nem a chanceler Merkel “manda”. É natural que uma pessoa, sentindo-se ameaçada ou sufocada, se feche e se isole. No entanto, tal reação não contribui para solucionar a situação de uma emergência globalizada, pelo contrário, agrava-a. São apenas os interesses econômicos que sustentam a União Europeia, ou valores éticos, humanos fundamentais? Por que os governos nacionais defendem com unha e dente seus interesses particulares?

O drama dos refugiados revela por excelência o que cada pessoa humana pensa, sente e quer. Esse drama tem na mão uma pá: vai limpar o mundo, e recolhe o trigo da compaixão solidária no celeiro; mas a palha do egoísmo vai queimar no fogo que não se apaga (cf. Mt 3,12). Ele traz todas as contradições e ambiguidades à tona: Para o salvamento da Grécia foi liberado um terceiro pacote no valor de 86 bilhões de euros (7.800 euros *per capita*). Uma pessoa refugiada custa aos cofres

da Alemanha 1000 euros (mais de R\$ 4.000) por mês. Resultado: o “valor grego” serviria para manter 11 milhões de refugiados durante oito meses; ou, com outras palavras: um milhão de refugiados esperados para o ano de 2015 poderiam ser financiados durante 86 meses (mais de sete anos). Há diferenças de valor entre os seres humanos? Melhor: o que é o ser humano? Essa pergunta, antiga como a humanidade, é como a lava jogada para fora pelos vulcões das crises mundiais.

## Os verdadeiros necessitados: os moradores na “ilha do bem-estar”

As ondas agitadas dos diversos conflitos e focos de crise que atualmente se amontoam ao redor da Europa são motivo de profunda preocupação. Na verdade, os europeus são os necessitados propriamente ditos. Eles e o Primeiro Mundo enfrentam a crescente ameaça de perder seu mundo, feito paraíso. Até quando os diques vão resistir às ondas que batem de todos os lados contra a “ilha do bem-estar”? Vejamos:

- No *Leste* reacendeu-se, com a crise na Ucrânia, a guerra fria. Que atitude a ser tomada, que política a ser seguida diante de Putin e da Rússia? Também o conflito na Síria demonstra seu poder político-militar ao mundo!
- Do *Sul* e do *Sudeste* chega uma onda crescente de refugiados: Há lugar para todo mundo? Seremos atropelados por eles?
- No *Oeste*, há tempo os britânicos transformam sua ilha num bastião. Aliás, em muitos lugares da União Europeia há populações insatisfeitas resmungando sob o peso das cobranças financeiras. O *Grexit*<sup>3</sup> poderia ter desencadeado um efeito dominó. Partidos nacionalistas e forças separatistas estão em alta.
- *Em qualquer lugar e a toda hora* paira no ar o medo de novos ataques terroristas. Quem pode se sentir “seguro” no centro de uma cidade, numa viagem de trem?
- Enfim, a maior ameaça vem *de cima*: o ano de 2015 foi o mais quente registrado na história; outros seguirão. Na

3 Conforme a Wikipédia, “*Grexit* é um neologismo que se refere à saída da Grécia da Zona Euro”.

Alemanha, já se pensa em adaptar a agricultura à mudança climática plantando espécies de cereais mais resistentes.

Apesar dos fatos alarmantes e dos dados científicos, muitas pessoas fecham os olhos, tapam os ouvidos e fazem de conta “como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe” (EG 54). No entanto, as guerras (civis), o terror no Oriente Médio e na África, assim como as catástrofes climáticas, deixaram de ser imagem e notícia midiáticas, agora estão batendo à porta de cada europeu. A ordem do bem-estar e da paz – caso tenha existido até agora – está sendo abalada. Todas essas emergências questionam e suspendem as estruturas e os costumes vigentes.

### A causa principal da onda dos refugiados? Nós!

“Qual a causa principal da onda dos refugiados?”, perguntou um ator num show de sátira alemão.<sup>4</sup> Resposta imediata de um outro ator: “Nós!”. Diante dos cenários de crise e da tendência de se agravarem exponencialmente, estamos diante da questão-chave: os moradores da “ilha do bem-estar” – cidadãos, políticos, economistas, agentes da mídia –, entendem “o que está acontecendo com a nossa casa”, como pergunta o Papa Francisco no capítulo I da encíclica *Laudato Si'* (LS)? As pessoas ainda não percebem que os problemas estão sendo fabricados em casa? Pois podemos somente colher os frutos daquelas sementes que nós mesmos semeamos! Reconhecendo isso, o lado bom da crise é que revela as profundezas do coração humano: suas qualidades, seus valores e talentos, mas também o que há de “erros, pecados, vícios ou negligências” (LS 218) que precisam ser superados em vista de um futuro promissor.

Francisco, o papa dos pobres e da Igreja (futuramente) pobre, diz com palavras claras o que está acontecendo em nossa casa e “quais sejam as raízes mais profundas dos desequilíbrios atuais: estes têm a ver com a orientação, os fins, o sentido e o contexto social do crescimento tecnológico e econômico” (LS 109). Este crescimento causou a degradação do ambiente humano e natural. Contudo, a causa última da crise é o antropocentrismo moderno (cf. capítulo III, 115-136).

4 Zweite Deutsche Fernsehen (ZDF), *Die Anstalt*, exibido em 23 de setembro.

O homem da civilização do bem-estar e da prosperidade considera-se o centro do mundo e o senhor da vida. Movido pelo seu *ego*, ele vai atrás de seus desejos insaciáveis. E tem mais: ele acredita que tenha conquistado tudo com seu suor e de forma honesta, portanto, que ele tem um direito de usufruir. Com sua mente prepotente, ele “acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo” (LS 122). Para ele não há verdades objetivas nem princípios estáveis, somente a satisfação das aspirações próprias e das necessidades imediatas (cf. LS 123).

“A civilização da riqueza“ está obcecada pela crença num crescimento econômico ilimitado e nos lucros esperados; está angustiada com o fantasma da recessão e presa nas algemas do imediatismo, que não mede nem se interessa pelas consequências de suas ações. A tecnocracia (domínio da tecnologia), por sua vez, domina a economia e, através dela, as políticas públicas (cf. LS 109). Em última análise, “a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro” (1Tm 6,10). De fato, quem não percebe que o critério decisivo, o motor e o fim de toda a ação econômica, dos interesses políticos, dos eventos culturais e esportivos, enfim, de quase tudo o que acontece “debaixo do sol” é o dinheiro, o capital, o aumento do lucro! Os escândalos de corrupção são prova disso!

No Encontro Mundial dos Movimentos Populares em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, em 9 de julho de 2015, o Papa Francisco reforçou que “já não nos contentamos com lutar entre nós, mas chegamos até a assanhar-nos contra a nossa casa”. Ele denuncia a causa deste mal:

Por trás de tanto sofrimento, tanta morte e destruição, sente-se o cheiro daquilo que Basílio de Cesareia chamava “o esterco do diabo”: reina a ambição desenfreada de dinheiro. O serviço ao bem comum fica em segundo plano. Quando o capital se torna um ídolo e dirige as opções dos seres humanos, quando a avidez do dinheiro domina todo o sistema socioeconômico, arruína a sociedade, condena o homem, transforma-o em escravo, destrói a fraternidade inter-humana, faz lutar povo contra povo e até, como vemos, põe em risco esta nossa casa comum.<sup>5</sup>

5 Disponível em: <[http://pt.radiovaticana.va/news/2015/07/10/discurso\\_do\\_papa\\_aos\\_movimentos\\_populares\\_%28texto\\_integral%29/1157336](http://pt.radiovaticana.va/news/2015/07/10/discurso_do_papa_aos_movimentos_populares_%28texto_integral%29/1157336)>.

A qualidade de vida da maioria da humanidade e do planeta todo não melhora, ao contrário, piora aceleradamente. Os fatos desmentem “as teorias da ‘recaída favorável’ que pressupõem que todo o crescimento econômico, favorecido pelo livre mercado, consegue por si mesmo produzir maior equidade e inclusão social no mundo”, argumenta o papa. E continua: “Esta opinião, que nunca foi confirmada pelos fatos, exprime uma confiança vaga e ingênua na bondade daqueles que detêm o poder econômico e nos mecanismos sacralizados do sistema econômico reinante” (EG 54).

Para apoiar seu estilo de vida ou entusiasmar-se com seu ideal egoísta, a perversidade desta cultura vai mais além desenvolvendo a globalização da indiferença. “Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles [...]” (EG 54). A cada edição de um noticiário, o telespectador assiste aos exemplos de perversidade e indiferença a olho nu: refugiados encalham vivos ou mortos nas praias europeias; traficantes arriscam a vida de inocentes num caminhão-frigorífico; albergues para asilados são incendiados; 49% dos alemães são de opinião que o calor recorde deste ano (40° C) é uma “oscilação comum” e não um fenômeno da mudança climática; um jogador de futebol mudou de clube por 75 milhões de euros. A lista de corrupção e escândalos aumenta a cada dia: Petrobrás, Volkswagen, FIFA... E os moradores da “ilha do bem-estar” não percebem este mal-estar generalizado?

A “civilização da riqueza” percebe, sim, que ela mesma é a causa de tantos problemas. No fundo, ela é pobre, excludente e gira em torno de si mesma. O homem “moderno” obstruiu, esqueceu ou perdeu o acesso ao seu coração e seu juízo. Entretanto sua vida ilusória na ilha estoura como uma bolha de sabão. Mais e mais cidadãos(ãs) reconhecem que o estilo de vida dos países ricos e “desenvolvidos” traz graves consequências para os países “subdesenvolvidos” e mantidos na pobreza.

- Diante da instabilidade globalizada, sempre mais pessoas descobrem a relação que existe entre os lugares de guerra e terror em outros países e a exportação de armas do próprio país.<sup>6</sup> Quem seria tão ingênuo para acreditar que a

6 “O Brasil [...] é o único entre os quatro maiores exportadores do *ranking* cujas transações de armamento não são transparentes, diz o relatório. Ou seja, o país não apresenta à ONU seus recibos e contratos de venda: não se sabe exatamente o que, para quem e quanto é comercializado.” Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/01/politica/1433176411\\_490477.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/01/politica/1433176411_490477.html)>.

comercialização de armas – independentemente a quem e para onde – funciona como um bumerangue!<sup>7</sup>

- Hoje, mais consumidores se interessam por tratados comerciais sustentáveis e justos com países em desenvolvimento e pobres (trabalho infantil, exploração da mão de obra de mulheres, preço das *commodities*).
- Mais cidadãos(ãs) reivindicam que os projetos governamentais de assistência ao desenvolvimento sejam justos e sustentáveis; questionam, ainda, o valor irrisório desta ajuda e insistem no combate à corrupção. (Em contrapartida, projetos promovidos por Igrejas obtêm resultados muito mais relevantes.)

7 *Dicionário eletrônico Aurélio*: arma de arremesso para caçar e para guerra na Austrália e alhures, cuja forma varia, sendo a mais conhecida a peça arqueada de madeira que, após descrever curva, retorna às mãos do lançador.

8 O jesuíta espanhol Ignacio Ellacuría formulou este termo no início da década de 1980. No dia 16 de novembro de 1989 ele e mais cinco jesuítas foram assassinados por um comando militar especial em El Salvador. Jon Sobrino, teólogo jesuíta na Universidad Centroamericana (UCA), em El Salvador, e coordenador do Centro Monseñor Romero, publicou no seu livro *Cartas a Ellacuría. 1989-2004* homilias proferidas no dia de aniversário da morte de Ellacuría, no qual retoma este termo. Tradução do espanhol pelo autor.

## A alternativa: a civilização da pobreza<sup>8</sup>

O objetivo da política e da economia não consiste na transformação de pobres em ricos. A alternativa para a pobreza não pode ser a riqueza: somente do ponto de vista da sustentabilidade é impossível que todos os habitantes do planeta tenham o mesmo padrão de vida dos ricos, que atualmente consomem 30% a mais do que a Terra pode regenerar.

A alternativa mais revolucionária e cristã à civilização da riqueza é a *civilização da pobreza*, “uma loucura evangélica e necessária”. O que o teólogo jesuíta Ignacio Ellacuría quer dizer com isso?

A civilização da pobreza se chama assim por causa de sua oposição à civilização da riqueza e não porque queira a pobreza como ideal de vida [...]. O que se quer destacar aqui é a relação dialética entre pobreza-riqueza e não a pobreza em si mesma. Num mundo configurado pelo dinamismo pecaminoso do capital-riqueza, é necessário suscitar um dinamismo diferente que o supera salvificamente. (p. 56)

### Dito de forma mais positiva:

A civilização da pobreza [...] rejeita a acumulação do capital como motor da história e a posse prazerosa da riqueza como princípio de humanização, tornando a satisfação universal das necessidades

básicas o princípio do desenvolvimento, como ainda o crescimento da solidariedade comum como fundamento da humanização. (p. 56)

Após o dia 11 de setembro de 2001, Jon Sobrino retoma o “princípio dos pobres” postulado por Ellacuría, declarando-o a alavanca através da qual pode crescer o todo, e crescer de maneira humana.

A partir deles (os pobres) e com eles pode-se construir o universalismo humano. Sem os pobres, os movimentos universalizantes – desde a globalização até o ecumenismo religioso – podem falar coisas óbvias: trabalhar pelo bem comum, promover o desejo pela paz universal, se reunir em torno de um único Deus ou de um ideal humano; porém, não sei se avançamos muito com isso. É tudo muito bonito, mas não é o suficiente. Sem os pobres no centro não há uma alavanca que levante a humanidade para se tornar humana. E a humanidade continua sendo essencialmente uma *espécie* animal onde os fortes comem os fracos. Com os pobres como alavanca, a humanidade se move de outra maneira: como *família*. (p. 125s)

Qual o valor do ser humano, qual a sua dignidade? Quem e como sou eu: uma espécie animal ou um ser humano-familiar? É possível que pessoas como políticos, policiais, traficantes etc. se sintam realmente felizes ao tratar o próximo com indiferença ou violência? Essas perguntas batem cada vez mais fortes na porta da consciência e do coração de cada pessoa. O gemido de um jovem alemão expressa bem qual o drama da humanidade:

Você viu a imagem do pequeno menino morto? Isso dói tanto. Quero ajudar; mas sozinho não posso salvar a vida de centenas. O que está acontecendo no nosso mundo? Muita gente prefere recarregar seu celular em vez de oferecer uma comida para um pobre. Aonde nós chegamos? Tenho vergonha de viver neste luxo.

Nações, povos e poderosos que fazem questão de viver ilhados ou atrás de muros se enganam: ninguém é uma ilha, vivemos de relações. Há ilhas geográficas, mas o mundo não era e nunca será uma ilha, é casa comum. Esta verdade é *a priori* a tudo – religião, raça ou nacionalidade –, e cada pessoa

é chamada a descobri-la. Nela consiste o sentido da sua vida e da sua paz. Dela derivam outros princípios (ecológicos), como, por exemplo: tudo está intimamente interligado (LS 91, 92, 137, 164); o ser humano não é o senhor do universo, mas o seu administrador responsável (cf. LS 116). Portanto, quando refugiados morrem afogados, afoga-se também a dignidade humana daqueles que se comportam indiferentes ou violentos.

Estamos passando por uma virada histórica do processo civilizacional: a "civilização da pobreza" abre o caminho! Os pobres não são uma ameaça, são a salvação! Embora o governo alemão, a sociedade como um todo e cada cidadão(ã) tenha de fazer sacrifícios, a acolhida e a integração dos refugiados traz mais vantagens do que desvantagens para todos. A longo prazo, os efeitos positivos são incalculáveis:

1. *Humanitário*: todos os esforços solidários da parte do governo, dos voluntários, das ONGs e Igrejas favorecem a (re) descoberta da ética da humanização mútua que fortalece a dignidade tanto dos beneficiados como dos benfeitores.
2. *Social*: a mobilização de todas as potencialidades vitais do povo (alemão) estabelece os contatos sociais, que sempre correm risco de se fragmentar, ao passo que se desmascara as forças adversas da extrema direita.
3. *Internacional*: a Alemanha dá um sinal para a Europa e o mundo, não para maquiagem superficialmente sua imagem, mas no sentido de solucionar desafios considerados insolúveis – a queda do muro e a reunificação (dos povos) têm sua continuidade.
4. *Socioecológico*: a crescente consciência planetária detecta as complexas relações entre causa-efeito das diversas crises e planeja soluções integrais de forma que as políticas nacionais e internacionais são submetidas a uma profunda revisão.
5. *Intercultural*: os refugiados integrados na Alemanha e em outros países da União Europeia tornam-se pontífices do intercâmbio intercultural, contribuindo para um processo de mudança nos seus países de origem, o qual visa o desenvolvimento e a paz.



6. *Econômico*: “Temos reservas suficientes” para financiar e suprir os gastos com os refugiados, afirmou o ministro da Fazenda, Wolfgang Schäuble; além do mais, a economia alemã necessita de mão de obra e profissionais.
7. *Demográfico*: para que nos próximos anos a população da Alemanha não encolha nem envelheça mais ainda, uma injeção migratória dará uma freada neste processo.
8. *Vital*: prédios públicos e privados que ficaram ociosos ou abandonados, como ainda regiões que sofrem com êxodo de seus habitantes, serão (re)vitalizados.
9. *Moral*: ao estigma da culpa pela Segunda Guerra Mundial com seus milhões de vítimas e o Holocausto poderia ser posto um “contrapeso” moral.

## A civilização da pobreza: uma garrafa desarrolhada

“Não vejo como fechar a garrafa que a chanceler desarrolhou”, comentou o governador da Baviera a respeito da decisão de Angela Merkel de acolher milhares de refugiados que ficaram “presos” na Hungria no início do mês de setembro. Ele reclamou que a chanceler teria tirado a rolha de uma garrafa cujo “espírito” saiu e não volta mais. Esse comentário, que causou muita polêmica em todo o país, aponta para o âmago da questão: O governador da Baviera (simpatizante do primeiro ministro da Hungria) quis dizer: “A senhora chanceler soltou os refugiados econômicos e bélicos ‘da garrafa da pobreza’ e, agora, os pobres vão tomar conta do nosso país [...] a senhora causa uma situação caótica e irreversível”. Segundo essa lógica, fica evidente que a rolha da garrafa chama-se “civilização da riqueza”.

De fato, a chanceler alemã, conhecida como emocionalmente reservada e politicamente calculista, surpreendeu ao tomar uma decisão *ad hoc* tão humana. Sem dúvida, a sua intenção era socorrer instantaneamente aquela gente; no entanto, sua decisão criou um fato que abriu novos horizontes para todos: os refugiados criaram esperança, a população

entendeu “acolher a todos”, a Europa e o mundo ficaram pasmos. Será que a mão de Deus não estava mexendo aí?

A revista *Veja*<sup>9</sup> deu a esse episódio e à cultura de boas-vindas o título de “Alemanha, 7 a 1”. Mas esse placar já não vale mais. As palavras esperançosas de Angela Merkel – “Nós vamos conseguir” –, poucos dias depois se converterem em “Estamos no limite, não podemos salvar o mundo todo!”. Uma nova lei de asilo e o controle rigoroso das fronteiras fazem parte da nova malha fina no trato dos refugiados. Os ilhados da civilização da riqueza, apavorados por perder algo, pretendem determinar os limites dos socorros. Contudo, sem combater com rapidez, sinceridade e a longo prazo as causas, a rolha não volta a fechar a garrafa! Enquanto há guerra, não há limites de socorro. A solidariedade, palavra moderna para caridade, também não tem limites.

## As surpresas de Deus: os refugiados como graça

Há muitas surpresas divinas nestes tempos. Daí surge outra pergunta interessante: Como os cristãos lidam com as surpresas de Deus? Como é que as comunidades eclesiais se situam diante de um desafio do tamanho do mundo? Quem é que chega e acolhe primeiro os refugiados, que correm o risco de cair nas drogas, na prostituição, na marginalização, no mundo novo e desconhecido: os cristãos católicos e protestantes ou os salafistas, ou ninguém? Já há sinais de como fundamentalistas islâmicos se aproximam dos jovens refugiados para recrutá-los para a “guerra santa”, da qual eles mesmos acabaram de fugir como vítimas.

As comunidades cristãs, ao contrário, são chamadas a ser, para os recém-chegados, uma experiência do Reino de Deus. Não no sentido restrito da pertença a uma religião, uma crença ou Igreja, mas como Reino que está presente tanto no sagrado como no profano e no qual as pessoas realizam a justiça, se perdoam mutuamente, promovem a vida<sup>10</sup> e vivenciam a comunhão fraterna da casa comum, que é o projeto do Deus dos cristãos, do Deus dos muçulmanos e do Deus de toda a humanidade. Os sinais dos tempos oferecem aos cristãos um novo tempo de graça! Quando

9 Edição 2443, ano 48, n. 37, p. 106.

10 Cf. BOFF, L.; BOFF, C. *Como fazer teologia da libertação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 76. Coleção Fazer.

se viu que o mistério do Natal, da Páscoa e de Pentecostes coincidem num só dia e todos os dias?

*Natal: a encarnação do amor.* Os milhões de pobres e empobrecidos não chegam mais através da mídia nas casas (dos europeus), agora estão diante da porta e pedem abrigo. É bem parecido com o tempo do Natal do Senhor de há dois milênios, quando houve migrações em todo o Império Romano, e Maria teve de colocar o seu primogênito na manjedoura, “pois não havia lugar para eles dentro da casa” (Lc 2,7). Hoje, as famílias sagradas chegam do Iraque, da Síria, da Eritreia e outros lugares. Olhando o presépio do Natal na igreja ou em casa, um coração contemplativo capta a proximidade, a encarnação do amor. Então os brinquedos e a ceia natalina, partilhados com “os sem lar, sem pátria” terão um outro sabor, até então nunca saboreado.

*Mistério pascal: amar até o fim.* A acolhida carinhosa das “sagradas famílias refugiadas” favorece ainda outra experiência espiritual forte. Os cristãos comprometidos na fé poderão identificar os rostos sofridos pelo cansaço da fuga e traumatizados pela guerra com o rosto de Cristo, pobre e sofrido. O crucificado presente nos crucificados chora e implora: “Tenho fome, fui preso, estou nu” (cf. Mt 25,31-46). O Servo sofredor, profetizado por Isaías e encarnado por Jesus na Paixão, liturgicamente conhecido por nós na Semana Santa, agora torna-se palpável nos asilados e refugiados. Além de prestar-lhes os primeiros serviços (hospedagem, alimento, saúde, roupa) e de procurar sua integração, a missão maior consiste na cura do seu sofrimento. O crucificado quer descer da cruz, quer ressuscitar. A ação libertadora exige engajamento por eles e com eles no combate à pobreza imposta. Sendo assim, o serviço solidário junto aos oprimidos torna-se um ato de amor para com o Cristo sofredor, uma liturgia agradável aos olhos de Deus.<sup>11</sup>

Com isso, a Igreja na Alemanha e em outros países europeus põe em prática – sem ter planejado pastoralmente – o pedido do Papa Francisco: a Igreja com as portas abertas, “em saída” que se envolve, que acompanha, toma a iniciativa sem medo, vai ao encontro, procura os afastados e chega às periferias humanas, às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos (cf. EG 24,46). Em seguida, a Igreja atenderá a outro pedido do papa,

11 Pensamento tirado de BOFF; BOFF, *Como fazer teologia da libertação*, p. 15.

que quer uma Igreja pobre e dos pobres. Qual a razão dessa pertinente cobrança evangélica do papa que não é novidade alguma?

Sem dúvida, porque o próprio Salvador nasceu, viveu e morreu pobre. No entanto, a salvação vai além desse ato de fé (ortodoxia). Se o Cristo Salvador se tornou pobre (cf. Fl 2,6-8) e se identifica com eles, então a salvação passa pelos pobres (ortopraxia). Deus escolheu o que é fraqueza e loucura no mundo (cf. 1Cor 1,26-30) para trazer a salvação "de baixo". O Servo sofredor Jesus Cristo são os povos crucificados, e a salvação é mediada por eles.<sup>12</sup> Durante muito tempo a Igreja esteve convicta de que *extra ecclesiam nulla salus*, isto é, somente dentro da Igreja há salvação (dogma do Concílio de Florença, 1438-1445). Do teólogo E. Schillebeeckx é a frase: "Fora do mundo não há salvação". Teólogos latino-americanos, como Jon Sobrino, marcaram a expressão *extra pauperus nulla salus* (fora dos pobres não há salvação).

À luz desta espiritualidade, ousa-se profetizar que as questões da justiça social (riqueza-pobreza) e da justiça climática, que afeta, em primeiro lugar, os mais pobres, contribuem para que sempre mais cristãos leigos e clérigos no "Primeiro Mundo" realizem a opção preferencial pelos pobres. Ouvindo os clamores dos pobres (cf. Ex 3,7-10), convivendo com eles, aprendendo deles e praticando a caridade solidária com os migrantes, refugiados, marginalizados e a mãe Terra, os fiéis deixam-se converter, descobrem o Evangelho e se tornam Boa-Nova.

O pobre é a mediação da salvação e a condição *sine qua non* dos problemas do mundo.

Enquanto não forem radicalmente solucionados os problemas dos pobres, renunciando à autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira e atacando as causas estruturais da desigualdade social, não se resolverão os problemas do mundo e, em definitivo, problema algum. (EG 202)

*Pentecostes: o amor que une os diversos.* A solidariedade e o convívio entre os cristãos e os refugiados de outras religiões podem favorecer a médio e longo prazo um processo de maturação inter-religiosa. Cristãos e muçulmanos poderiam fazer experiências de fé até agora não conhecidas, um jeito novo de "ver a Deus".

12 Pensamento tirado de Martin Maier, sj, em Zur Theologie der gekreuzigten Völker. Disponível em: <<http://www.oscar-romero-haus-oldenburg.de/doc/MaierEndf.pdf>>, p. 10. Tradução do autor.

As comunidades cristãs superam, através de gestos simples, mas de importância vital – tais como: aulas de reforço em alemão dadas por voluntários; explicar os costumes sociais de convívio e os valores básicos democráticos de uma sociedade liberal e multicultural; buscar a integração no mercado de trabalho; promover momentos de convívio, festa e lazer –, a desconfiança, o preconceito e o proselitismo, dando lugar à estima mútua, à confiança e à complementariedade. Esses valores éticos são como pérolas nas quais brilha o Reino de Deus. As diversas culturas, raças e religiões que falam as línguas mais diversas e não se entendem agora falam a língua do amor fraterno e se convertem à consciência de que somos todos irmãos e irmãs na única casa comum; e, portanto, temos (supostamente) um único Pai nosso no Céu.

À luz da fé num Deus que acompanha e conduz a história humana, vislumbram-se as surpresas de sua sabedoria, presentes nos sinais dos tempos: na Idade Média, as cruzadas partiram para libertar a Terra Santa dos pagãos, dos sarracenos. Hoje, caravanas de povos islâmicos se dirigem, desarmados, à Europa da pós-cristandade em busca de sobrevivência e na esperança de uma vida nova. Seria muito estranho afirmar que os muçulmanos, sem ter a intenção, proporcionam às comunidades cristãs uma oportunidade para (re)encontrar o seu perfil ou para dar testemunho de sua fé? Pois Deus sabe usar a santidade de um povo para demonstrá-la a um outro e vice-versa, para que, juntos, confessem que não há um outro Deus (cf. Eclo 36,4.5).

Uma segunda surpresa de Deus poderia consistir no seguinte: como a Igreja Católica reconheceu, ainda que muito tarde, que cruzadas e uma evangelização entre a cruz e a espada, como no caso da América Latina, contradizem a Boa-Nova da libertação trazida por Jesus Cristo, assim também os muçulmanos poderiam chegar a reconhecer o absurdo da guerra santa e de outras interpretações errôneas justificadas pelo Alcorão.

Para que as férias não fiquem arruinadas  
para sempre

“Arruinaram as minhas férias!” Tal lamentação banal de um turista num ilha grega foi o ponto de partida de nossa reflexão.

O impacto entre turistas e refugiados é emblemático: os moradores na “ilha do bem-estar” estão ameaçados por diversas crises. A civilização da riqueza encontra sua alternativa revolucionária na *civilização da pobreza*, pois sem os pobres não há salvação. Eles são a alavanca para humanizar a humanidade; com eles, as “férias” – a vida presente e futura – jamais ficam arruinadas.

Não é à toa que nesta hora alguns políticos resgatem as raízes éticas e a cultura cristã do continente europeu alegando, por exemplo, o valor da solidariedade. De fato, um erro muito grande seria pensar que não existe a justiça de Deus nesta vida, nem na outra. Pelo contrário, o Deus que se revela do início ao fim das Sagradas Escrituras deixa bem claro do lado de quem ele está: “O que faz justiça aos oprimidos, o que dá pão aos famintos. O Senhor solta os encarcerados [...] o Senhor levanta os abatidos; o Senhor guarda os estrangeiros; sustém o órfão e a viúva, mas transtorna o caminho dos ímpios” (Sl 146,7-9).

Deus se identifica pelo seu Filho com os pobres (cf. Mt 25,31-46); o Divino Espírito é “o Pai dos pobres”. Maria é “uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo (cf. Lc 1,51-53)”.<sup>13</sup>

Por esse motivo, a pessoa do pobre, do refugiado, não deve ser considerada “fraca”, enquanto nós nos consideramos “fortes”. Pelo contrário, para fazer o bem uma pessoa com espírito de fineza não recorre, em última instância, a normas, cânones, convenções internacionais ou constituições, mas se sente interpelada pela “autoridade de quem sofre”, como dizia o teólogo alemão Johann Baptist Metz, e obedece a ela.<sup>14</sup>

Quem não tiver agora este espírito de fineza haverá de reconhecer a autoridade dos sofredores no final de sua vida ou do mundo. Naquela hora se reencontrarão e se verão olho no olho:

- o policial francês armado, o primeiro-ministro britânico David Cameron e o jovem sírio que, no acampamento de Calais, procurou desesperadamente uma oportunidade de atravessar o Canal da Mancha em busca de uma vida digna;

13 Paulo VI sobre a pessoa de Maria. In: BOFF; BOFF, *Como fazer teologia da libertação*, p. 82.

14 Citado por Jon Sobrino em *Carta a Ellacuría. 1989-2004* (Madrid: Minima Trotta, 2004. p. 142).

- o primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, junto com seus policiais e soldados, e aquele paquistanês que perdeu a vida nos trilhos de Bicske;
- os responsáveis pelo incêndio em Heidenau, na Alemanha, e em outros lugares, deverão enfrentar o olhar da família da Eritreia que pergunta: “Por que fizeram isso? Não viemos para ameaçar vocês. Apenas queremos viver como vocês!”;
- os traficantes e seus colaboradores, responsáveis por 71 pessoas que morreram asfixiadas num caminhão-frigorífico, hão de aguentar sua consciência diante dos mesmos (ressuscitados);
- todos os que ficaram indiferentes e se omitiram de fazer algo irão olhar os olhos do pequeno Aylan Kurdi (3), a criança síria que as ondas devolveram suavemente à praia de uma ilha turca; essas pessoas hão de ouvir a queixa de Deus: “Não bastava que vocês matassem meu Filho mais velho? Também meu filho mais novo teve de perder sua vida por causa de vocês?”.

No novo céu e na nova terra, os anjos levarão os pobres para junto de Abraão, onde viverão para sempre e em abundância. Os ricos, porém, irão para o inferno, em meio aos tormentos, tendo arruinadas suas férias para sempre e vendo os pobres no colo de Abraão passando férias paradisíacas para sempre (cf. Lc 16,22s).

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. A médio e longo prazo, como a civilização da riqueza e a civilização da pobreza vão se “desenvolver”? Quais os cenários possíveis?
2. De que forma as pessoas consagradas a Deus podem contribuir para que o diferente, o estranho não seja considerado uma ameaça, mas um próximo?
3. Se você vivesse na Europa, o que iria fazer – como religioso(a), como comunidade eclesial – nos âmbitos pessoal, eclesial, social e político?



## ASSINATURAS

*Prezado(a) assinante,*

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 135,00 (para o Brasil)
- R\$ 189,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <[crbnacional.org.br](http://crbnacional.org.br)>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br))
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 2863-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

**[convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br)**

ou pelo telefone **(61) 3226-5540**

ou pelo fax **(61) 3048-6479**.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).